

UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO

STEPHANI DOS SANTOS

**ESTADOS UNIDOS, O BALUARTE DA
DEMOCRACIA NO GOVERNO TRUMP: O QUE
ESPERAR?**

BAURU

2017

Powered by
 WPS Office

STEPHANI DOS SANTOS

**ESTADOS UNIDOS, O BALUARTE DA DEMOCRACIA NO
GOVERNO TRUMP: O QUE ESPERAR?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

BAURU

2017

STEPHANI DOS SANTOS

**ESTADOS UNIDOS, O BALUARTE DA DEMOCRACIA NO
GOVERNO TRUMP: O QUE ESPERAR?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração, como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Bauru, 20 de novembro de 2017.

Banca examinadora:

Prof.^a M.^a Beatriz Sabia Ferreira Alves
Universidade do Sagrado Coração

Prof. M.e Fábio José de Sousa
Universidade do Sagrado Coração

Prof.^a M.^a Roberta Cava
Universidade do Sagrado Coração

Dedico com muito amor este singelo trabalho aos meus pais, Paulo e Débora, ao meu irmão Paulo Henrique, aos meus avós Luzia, Delvito, José e Zenaide e à minha madrinha Zélia, os quais sempre me deram muito amor, apoio e incentivo para concluir esta importante etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todo amor, apoio e incentivo que sempre me deram, agradeço também por não medirem esforços para realização dos meus sonhos e também para proporcionar à mim uma formação. Um agradecimento especial para minha mãe que, um dia enquanto escrevia este trabalho, perguntou se podia fazer algo para me ajudar. Obrigada, mãe e pai por fazerem por mim mais do que muitas vezes precisei ou mereci e obrigada por acreditarem no meu potencial e futuro.

Agradeço também a minha orientadora, Beatriz Sabia, primeiramente por ter aceito o convite de me orientar e também por toda atenção, dedicação, carinho e prontidão. Sua ajuda foi essencial para a elaboração deste trabalho.

Agradeço também aos membros da banca, Roberta Cava e Fábio José que juntamente à minha orientadora Beatriz, aceitaram meu convite de fazerem parte deste momento especial, os agradeço também por realizarem ótimos trabalhos ao longo destes quatro anos de graduação, por todo conhecimento compartilhado e principalmente por essa amizade que levarei por toda vida.

Obrigada.

RESUMO

Os Estados Unidos, desde sua criação em 1607, passou a ser visto como um referencial democrático, diante disso, o atual presidente norte-americano Donald Trump, com seu posicionamento conservador, tem sido motivo de grandes preocupações no tocante da democracia. Portanto, o objetivo deste trabalho é realizar uma análise crítica sobre a democracia norte-americana através do estudo de seu passado até o seu presente, relacionando-os com o atual presidente, a fim de identificar o que este representa para o país e seu modelo democrático. Para o desenvolvimento deste trabalho, o termo democracia foi definido conforme seu significado moderno, sua viabilidade foi abordada de acordo com perspectivas teóricas, para que assim fosse possível melhor compreensão acerca da democracia norte-americana, seu surgimento, desenvolvimento, aplicabilidade e efetividade. O acompanhamento de notícias pertinentes ao tema, principalmente a respeito do presidente, para obtenção de informações e conhecimento a respeito do novo governo e sobre o que vem acontecendo desde sua eleição, são também fontes de embasamento. Feito este estudo, é possível compreender através de um novo olhar a eleição de Trump e o que este simboliza para a democracia norte-americana.

Palavras-Chave: Democracia. Modelo democrático. Donald Trump. Estados Unidos. Eleição.

ABSTRACT

The United States, since its creation in 1607, started to be seen as a democratic reference, on this, the current US president Donald Trump, with his conservative positioning, has been reason of concern in the area of democracy. Therefore, the purpose of this paper is to conduct a critical analysis of American democracy by studying its past to its present, relating them to the current president, in order to identify what Trump represents to the United States and its democratic model. To development this work, the term democracy was defined according to its modern meaning, its viability was approached according to theoretical perspectives, so was possible a better understanding of American democracy, its emergence, development, applicability and effectiveness. The monitoring of relevant news to this theme, especially about the president, to obtain information and knowledge about the new government and what has been happening since Donald Trump's election, was sources of support. With this study, is possible to understand Trump's election and what he symbolizes for American democracy through a new view.

Key Word: Democracy. Democracy model. Donald Trump. United States. Election.

SUMÁRIO

1 Introdução	9
Capítulo 2 – O que é a Democracia?	11
2.1 As principais contribuições Teóricas.....	12
2.2 A Influência do ideal Democrático na Cultura Norte-Americana.....	15
Capítulo 3 – As Eleições Norte-Americanas de 2017	49
3.1 A Propaganda Eleitoral dos principais Candidatos.....	53
3.2 O Posicionamento De Trump.....	59
3.3 A vitória nas Eleições e o que vem acontecendo.....	63
Capítulo 4 – O Ideal dos Pais Fundadores e o Posicionamento de Trump	68
4.1 Liberdade X Tirania da Maioria.....	70
4.2 Os Novos Movimentos Conservadores.....	75
4.3 Um Futuro de incertezas.....	78
Considerações Finais	80
REFERÊNCIAS	83
ANEXOS	88
ANEXO A.....	88
ANEXO B.....	89
ANEXO C.....	90
ANEXO D.....	91
ANEXO E.....	92
ANEXO F.....	93
ANEXO G.....	94
ANEXO H.....	95
ANEXO I.....	96
ANEXO J.....	97
ANEXO K.....	98

1 Introdução

Desde sua criação em 1607, com a instalação das treze colônias inglesas no território inicialmente denominado Nova Inglaterra, os Estados Unidos adotaram a democracia como forma de governo, a qual deu-se através do objetivo que os emigrantes ingleses tinham de criar uma nova sociedade diferente daquela de origem, onde pudessem ser livres, iguais, ter uma vida digna e praticar sua religião. Um sistema democrático como o norte-americano jamais havia sido visto, logo, este tornou-se um modelo a ser seguido pelos demais países, por isso, é considerado o baluarte da democracia até os dias atuais.

No entanto, a eleição do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, o qual possui um posicionamento conservador, tem gerado incertezas sobre o futuro da democracia norte-americana e tem levado ao questionamento a respeito do que seu governo representa para a mesma.

O objetivo deste trabalho é contestar a este questionamento, primeiramente, através da definição moderna do termo democracia, bem como sua efetividade a partir da leitura de visões teóricas, em seguida, será realizada uma descrição e análise ampla e profunda da história democrática norte-americana, desde o seu surgimento, desenvolvimento até chegar nos dias atuais para que assim, seja possível identificar como se deu a democracia no país, sua aplicabilidade e efetividade.

A partir desta desconstrução da história democrática estadunidense, é possível adquirir uma nova compreensão a respeito da eleição de Donald Trump, os motivos que o levaram a ser eleito relacionando-os com o passado e presente do país, é possível também através desta análise, identificar o que o governo Trump representa para os Estados Unidos, para a democracia e principalmente, para a democracia norte-americana.

A importância deste trabalho se dá a partir da necessidade de conhecer a verdadeira democracia exercida pelos Estados Unidos tal como ela é, e a partir de uma análise crítica, identificar o que o presidente Donald Trump representa para esta forma de governo.

O desenvolvimento deste trabalho foi feito através da utilização da obra A Democracia na América de 1840, do pensador político, escritor e historiador francês, Alexis de Tocqueville, para o conhecimento acerca da criação dos Estados Unidos e sua modelo democrático, e também as obras Liberalismo e Democracia e o Dicionário de

Política de Norberto Bobbio, filósofo, pensador, escritor e historiador italiano, que serviu como base explicativa para termos e assuntos relevantes e ambos os autores, dão o embasamento teórico necessário para a elaboração deste trabalho. Será necessário também o acompanhamento de notícias relacionadas ao presidente, para que seja possível maior familiaridade com as políticas do governo Trump e também com os acontecimentos no território norte-americano.

É importante ressaltar que este trabalho aborda uma problemática atual, que exige análise histórica para sua compreensão, mas que não possui obras particularmente relacionadas a ela, sendo assim é necessária a abordagem crítica da autora para a conclusão do mesmo.

Capítulo 2 – O que é a Democracia?

Democracia é um termo histórico, seu significado atual e formal se difere daquele utilizado na Grécia antiga, onde somente homens livres, maiores de 18 anos de idade, filhos de pai e mãe atenienses e nascidos na cidade de Atenas, eram considerados cidadãos e tinham o direito de participar de assuntos políticos e usufruir do regime democrático vigente.

Atualmente, o modelo democrático consiste em um regime político em que a soberania é exercida pelo povo, sem distinção, através da democracia direta, na qual o mesmo participa diretamente de assuntos políticos e administrativos por meio de plebiscitos ou consultas populares, o que não é muito comum, ou através da democracia indireta, por meio de um sistema eleitoral em que o povo que elege representantes políticos para compor órgãos legislativos, os quais criam os conjuntos de regras e procedimentos que constituem o Governo, que por sua vez, toma decisões políticas que afetam positiva ou negativamente seu povo e território. O italiano, filósofo e historiador Norberto Bobbio descreve democracia como uma forma de governo em que o poder se concentra nas mãos de todos:

[...] por democracia entende-se uma das várias formas de governo, em particular aquelas em que o poder não está nas mãos de um só ou de poucos, mas de todos, ou melhor, da maior parte, como tal se contrapondo às formas autocráticas, como a monarquia e a oligarquia. (BOBBIO, Norberto, 1988, p.7).

No sistema eleitoral democrático prevalece o princípio da maioria numérica (princípio sujeito a alteração de acordo com o critério utilizado para a definição de maioria) desde que o voto deste grupo não limite os direitos da minoria, além disso, o voto é livre, desta forma cada indivíduo vota de acordo com sua opinião e interesse e é obrigatório a todos que forem maiores de idade, sem distinção de etnia, religião, gênero ou classe social.

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos descreve, brevemente, a democracia e o sistema eleitoral como mecanismos que garantem a liberdade de escolha do povo em relação aos seus representantes e garantem também a liberdade individual e a igualdade:

Corresponde a procedimentos que garantiriam a livre escolha, por eleitoras e eleitores, de pessoas e partidos que as governarão legitimamente, em geral conectada à ideia de um sistema político eleitoral que expresse diferentes posições e interesses existentes na sociedade, ao livre acesso a informações e

a garantias iguais de liberdade para os indivíduos. (SANTOS, Boaventura de Sousa, 1998).

Em seu pleno exercício, a democracia também tem o princípio de proteger os direitos humanos, direito dos cidadãos e como cita Boaventura, tem também o princípio de proteger a liberdade individual através da tolerância, da resolução pacífica de conflitos e da eliminação da violência conforme o possível. Portanto, para que um governo seja considerado democrático, é necessário que ele possua ao menos uma destas características, isso porque ao longo da história não se observou um governo que possuísse todas elas, por isso é possível classificar governos como mais ou menos democráticos, porém, se nenhuma das regras e características constituírem um governo, este não será considerado democrático.

2.1 As principais contribuições Teóricas

O conceito de Democracia, sua efetividade e importância, já foram objetos de reflexão em diferentes épocas, trata-se de um termo muito antigo, que começou a ser estudado juntamente à política e sofreu muitas alterações ao longo do tempo, desta forma, para a definição atual de democracia é imprescindível conhecer as três grandes teorias políticas que a compõem: a teoria clássica, a teoria medieval e a teoria moderna.

A teoria clássica ou teoria aristotélica das três formas de Governo, define a Democracia como o Governo do povo, a Aristocracia como Governo de poucos e a Monarquia como Governo de apenas um, o monarca. Os primeiros estudos, que se tem registro, sobre formas de governo está datado em 522 a.C. e foi registrado por Heródoto, tratando-se de uma discussão entre Otane, Megabizo e Dario sobre a melhor forma de governo para a Pérsia, sendo que cada um deles defendia um modelo diferente; Otane defendia o Governo popular ou *Isonomia*, termo antigo grego que significa igualdade das leis ou diante delas e baseava-se em um argumento bastante comum entre os defensores deste tipo de governo que questionava como a monarquia poderia ser uma forma perfeita de governo se lhe é permitido fazer tudo o que deseja sem prestação de contas. Em contrapartida, Megabizo defendia a aristocracia e Dario a monarquia, o segundo utilizava também um argumento comum entre os defensores deste tipo de governo, afirmando que o povo é incapaz, sem instrução e que causaria um desequilíbrio nos negócios públicos.

Platão, descreve na *República*, cinco formas de governo, sendo elas: a aristocracia, democracia, oligarquia, tirania e timocracia e dentre elas somente a aristocracia é boa, enquanto a democracia é chamada de “Governo do Número”, “Governo de Muitos”, “Governo de Multidão” e vista como o resultado de uma vitória dos pobres e ascensão dos mesmos, Platão afirma que: “ (a Democracia) nasce quando os pobres, após haverem conquistado a vitória, matam alguns adversários, mandam outros para o exílio e dividem com os remanescentes, em condições paritárias, o Governo e os cargos públicos, sendo estes determinados, na maioria das vezes, pelo sorteio” (BOBBIO, Norberto, 2000, p.320)

A democracia também já foi considerada a pior e a menos má das formas de governo na divisão de boas e más formas de governo com base na legalidade e ilegalidade deles, uma vez que a democracia não traz muitos benefícios pois nela o poder é fragmentado, dividido entre muitos e existe excesso de liberdade, tampouco traz muitos danos, como os governos em que o poder é exercido por uma autoridade de forma exagerada.

Aristóteles, porém, divide as formas de governo entre puras, aquelas em que o governante coloca os interesses do povo acima de seus interesses pessoais e corruptas, nas quais os interesses do governante estão acima dos interesses do povo, sendo as três formas puras: a realza, a aristocracia e a república e as três formas corruptas a tirania, a oligarquia e a democracia e em cada uma destas seis classificações, Aristóteles atribui uma definição. A realza ou governo de um só para todos, é uma forma de governo exercida sob determinados limites para que não se torne uma tirania e quem o exerce é o monarca, aquele que possui mais bens do que seus súditos, por isso não precisa governar em prol de seus interesses pessoais ou roubar para suprir suas necessidades e governa para o bem de seu povo. A aristocracia é o governo de alguns para todos, ela surgiu da necessidade de combater a tirania e quem a exerce são os nobres nomeados de acordo com sua educação, por isso Aristóteles os considera bons cidadãos, pois possuem formações morais e intelectuais, que os tornam capazes de governar pelo bem comum. A república ou timocracia é o governo de todos para todos, é um regime constitucional que beneficia, indistintamente, a todos e é considerado por Aristóteles o pior das formas puras de governo. A tirania é o oposto da realza, nela, o monarca ou tirano governa sem limites e pelos seus interesses pessoais em detrimento dos interesses comuns, ou seja, governo despótico, o que classifica esta forma de governo como a pior das formas corruptas e a associa a um senhor sobre seus escravos. A oligarquia tem

como fim a riqueza, é a forma de governo oposta à aristocracia, seus governantes são magistrados nomeados de acordo com suas rendas. A democracia é um regime em que o povo toma decisões políticas direta ou indiretamente através de representantes eleitos, é uma forma de governo vista por Aristóteles como “Governo de vantagem para o pobre” e é considerada a melhor das formas corruptas.

Sob influência do pensamento aristotélico, outros filósofos contribuíram com novas ideias para as definições de formas de governo, dentre eles três se destacam: Bodin, que distingue formas de governo de formas Estado, baseando-se na titularidade e no exercício da soberania respectivamente, portanto é possível que haja uma monarquia democrática, ou seja, Estado governado pelo rei que, por sua vez, governa democraticamente, ou uma democracia aristocrática, oligarquia democrática, entre outros. Hobbes que, extingue a definição de formas de Estado puras e formas de Estado corruptos criado por Aristóteles, partindo do princípio de que não existe critérios para diferenciar o uso do abuso de poder quando se trata do poder soberano absoluto, logo, não existe critério para diferenciar governo bom do governo mau pois, de acordo com a teoria hobbesiana o Estado deve ter poder absoluto sobre o povo para que possa existir a paz em detrimento das liberdades individuais, caso contrário, o homem, movido por suas paixões, viveria em constante guerra. Por último, Rousseau, filósofo considerado o maior defensor da democracia e que dá a ela o nome de República, construída sobre um contrato social por meio do legislativo, poder que é caracterizado pela soberania do povo, não mais do monarca e pela vontade coletiva,

Montesquieu também contribuiu com seu pensamento sobre as formas de governo e as classificou em República, Monarquia e Despotismo. Na República de Montesquieu, a virtude cívica ou amor pela sua pátria é um princípio e nesta forma de governo estão inseridas a Democracia, na qual todo o povo possui o poder e também a Aristocracia, onde parte do povo possui o poder e a Monarquia onde somente um indivíduo possui o poder de governar e deve fazê-lo de acordo com as leis fixas e baseando-se no princípio da honra, sentimento que leva o monarca a realizar boas ações com o objetivo de manter ou melhorar sua reputação e o Despotismo, assim como a Monarquia é a uma forma de governo em que um único indivíduo possui o poder, porém este governa de acordo com suas vontades pessoais, abusa do poder, não segue as leis fixas e parte do princípio do medo pois a virtude se torna desnecessária e a honra perigosa.

Para Maquiavel existem somente duas formas de governo, a Monarquia ou Principado, um poder hereditário que segue a lei da sucessão ou é conquistada, inclusive por um indivíduo que não é membro da realeza e a República, classificada como Aristocracia ou Democracia, dependendo do número de governantes. A Monarquia hereditária é dividida em poder absoluto, forma de governo em que todos são súditos ou no governo com a intermediação da nobreza, enquanto a Monarquia conquistada se divide em quatro espécies de acordo com a forma da conquista, podendo ser através da virtú¹, fortuna², violência ou consentimento do povo, sendo que através da virtú e da fortuna, os governos podem ser mais duradouros. Porém, em suas obras, Maquiavel demonstra preferência pela República que é vista pelo pensador como o equilíbrio entre Monarquia, Aristocracia e Democracia, ou cônsules, senado e povo, respectivamente.

2.2 A Influência do ideal Democrático na Cultura Norte-Americana

Desde o século XIX, antropólogos buscam a melhor definição para o termo cultura, porém, o que se tem encontrado na verdade, é uma ampla variação de significados e contradições.

Edward Tylor, antropólogo britânico considerado o pai do conceito moderno de cultura, define este termo de forma simples, descrevendo-o como realizações materiais (plano concreto), realizações imateriais (plano espiritual) e o comportamento adquirido por determinado povo, sendo que o último não está relacionado a questões biológicas. Esta definição, porém, não foi suficiente para que outros antropólogos compreendessem o comportamento social e a natureza da cultura, suas dúvidas estavam relacionadas ao comportamento cultural, à fatores que poderiam influenciar na cultura, como etnia e meio ambiente e à sua possível evolução, portanto continuaram a realizar estudos acerca do tema a fim de dar à ele um significado mais profundo e explicativo, dentre estes estudiosos estava Franz Boas.

Boas é considerado o pai da antropologia americana e grande contribuinte ao significado de cultura, foi um crítico às teorias que defendiam hierarquias culturais e que consideravam o Ocidente um modelo de estágio avançado da humanidade pois acreditava que cada cultura tinha uma origem distinta, bem como sua própria história e

¹ Capacidade do indivíduo político em controlar ocasiões e acontecimentos diante de um conjunto de possibilidades.

² Acaso, sorte que permite ao líder continuar no poder

se desenvolvia de forma particular, portanto, não poderia ser julgada com base em outras culturas e com isso, no início do século XX, Boas foi capaz de explicar a diversidade cultural utilizando-se de bases históricas e antropológicas, respondendo as questões que atormentavam antropólogos desde o século XIX.

O historiador brasileiro Alfredo Bosi define a cultura de uma maneira diferente daquela utilizada no século XIX e XX, ele não se utiliza de bases antropológicas, mas sim da etimologia da palavra cultura, a qual vem do termo latino *colo*, cujo significado é *eu ocupo a terra*, portanto, cultura seriam as formas de trabalho e cultivo da terra, porém não em seu sentido literal de agricultura, mas sim figurado, de como os valores, princípios, costumes e conhecimentos seriam cultivados e transmitidos através de gerações, isso atribui à cultura um significado muito próximo de “educar” e “ensinar” seus descendentes meios de garantir sua sobrevivência. Para a existência da cultura, com base nesta definição, é necessário que haja, primeiramente, a consciência coletiva para que juntos tracem planos para o futuro da comunidade.

A cultura e a herança cultural permitem que o indivíduo viva e se comunique em sociedade, não somente através da linguagem, mas também de comportamentos que são identificados e compreendidos por aqueles que conhecem as regras e princípios culturais estabelecidos na sociedade em questão, em outras palavras, o ato de rir ou chorar, a forma de se vestir e outros, são indicadores de sentimentos que podem ser interpretados por um segundo indivíduo, desde que este esteja inserido na mesma cultura para que possua conhecimento acerca destes fenômenos. É por isso que no encontro de duas ou mais culturas ocorrem mal-entendidos, pois um indivíduo ou sociedade não estão familiarizados com os indicadores de sentimentos de outras culturas, logo, não consegue interpretá-los, o que origina em choques culturais, porém, quando interpretados, o resultado é a interação cultural que se dá através de trocas e influências mútuas.

Outro fator relevante para o estudo da cultura é a mudança, este é um fenômeno contínuo e que deve ser analisado através de fatos históricos para que possa ser melhor compreendido, caso contrário, a cultura não seria um agente sofredor de mudanças. Ao analisar uma nação, nota-se que seu presente está intimamente relacionado à sua origem, as circunstâncias em que ela foi criada e que contribuíram para seu desenvolvimento, permitem compreender seus costumes, cultura, ideologia, paixões e como ela é levada à fins, ocasionalmente, involuntários. O francês e pensador político Alexis de Tocqueville

descreveu os aspectos políticos democráticos em sua obra *Democracia na América* e ressaltou:

[...] O crescimento das nações apresenta algo análogo com isso; todas são portadoras de alguma marca de sua origem. As circunstâncias que acompanharam seu nascimento e contribuíram para seu desenvolvimento afetam o termo integral do seu ser. Se pudessemos voltar aos elementos dos Estados, e examinar os monumentos mais velhos de sua história, duvido que não descobríssemos neles a causa primordial dos preconceitos, hábitos e paixões dominantes e, em resumo, de tudo aqui que constitui o que se chama caráter nacional. (TOCQUEVILLE, Alexis, 1835, p.49).

No início do século XVII, europeus iniciaram um processo de imigração em massa para o território conhecido hoje como Estados Unidos da América, em 1607 instalou-se na Virgínia, a primeira colônia inglesa, composta por aventureiros e homens de diversas classes sociais, dando origem aos anglo-americanos que tinham como objetivo encontrar ouro naquela região.

Os emigrantes que chegavam à União Americana se diferiam em diversos aspectos, possuíam objetivos distintos e se auto governavam seguindo diferentes princípios, porém possuíam também algumas características em comum, sendo a principal delas a origem: um povo vindo de um território marcado por lutas que se estenderam por séculos e membros de uma seita inglesa portadora de conduta rigorosa e de princípios severos que afastavam do povo noções de direito e de liberdade, o que atribuiu aos emigrantes o nome de puritanos, uma doutrina não somente de cunho religioso, mas que correspondia também às teorias democrática e republicana em alguns aspectos, como por exemplo, a preocupação com a integridade dos indivíduos e da sociedade que estes habitam.

Foi este cenário inglês que impulsionou as imigrações para a América e a criação de cidades e localidades autogovernadas (*townships*), onde foram introduzidas a doutrina da soberania do povo, a liberdade pessoal e das ordens inferiores e médias, intervenção do povo em negócios públicos, a designação das responsabilidades de agentes que detinham o poder, todos estes, alguns dos componentes da democracia, além da livre votação dos impostos, julgamentos realizados por um júri, a liberdade de adorar a Deus, sendo todos estes princípios descritos em 1620 no Acordo de *Mayflower*:

[...] Nós, cujos nomes vão abaixo assinados, súditos leais do nosso verdadeiro Senhor Soberano o Rei Jaime (...). Tendo empreendido para a glória de Deus e o progresso da Fé Cristã, e honra do nosso Rei e país, uma viagem para plantar a primeira colônia nas regiões setentorais da Virgínia; pelo presente, solene e mutuamente, na presença de Deus e de cada um, nos

reunimos e combinamos a nós mesmo como um corpo político civil, para nossa melhor ordem e preservação e a busca dos fins acima mencionados; e em virtude do presente, promulgaremos, constituiremos e moldaremos as leis, ordenações, atos, constituições e ofícios juntos e iguais que, de tempos em tempos, forem consideramos melhores e mais convenientes para o bem geral da Colônia: aos quais prometemos toda submissão e obediência.[...]

Porém, ao mesmo tempo em que as colônias inglesas seguiam alguns princípios democráticos, instaurou-se a escravatura no Sul, fator econômico e social condicionante naquela região, além de grande influência nas leis, no caráter e no futuro da União Americana.

A abolição aconteceu mais de duzentos anos mais tarde, após ter sido motivo de grandes conflitos³ entre Norte e Sul.

A escravatura (...) desonra o trabalho; introduz o ócio na sociedade e com o ócio, a ignorância e o orgulho, o luxo e a angústia. Enerva o poder da mente e entorpece a atividade do homem. A influência da escravatura, aliada ao caráter inglês, explica as maneiras e a condição social dos Estados do Sul. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 52)

No Norte ou Nova Inglaterra, diferentemente do Sul, as colônias inglesas se utilizavam de algumas das principais ideias bases da teoria social dos Estados Unidos, os colonos que se instalaram naquela região eram homens reconhecidos em seu país de origem e que tiveram boa educação, o que tornava singular a região norte e praticamente extinguiu uma classificação de classes sociais. Os movimentos de emigração continuavam, todos os anos a costa da América recebia um elevado número de ingleses, que aos poucos moldavam a colônia à uma forma homogênea, com princípios econômicos feudais e princípios políticos democráticos jamais vistos nas sociedades antigas, exerciam seus direitos, sua soberania, nomeavam magistrados, criavam leis e regulamentos fiéis à Deus, declaravam guerra e promoviam a paz, enquanto na Inglaterra, conflitos políticos e religiosos atingiam o império britânico durante o reinado de Carlos I. Porém, os princípios da legislação correspondentes ao período, ainda que fossem vistos de forma positiva, foram eles que deram origem a um problema social que é enfrentado nos Estados Unidos hoje e que adquiriu repercussão internacional: a censura autoritária.

³ Guerra de Secessão (1861 e 1865), um conflito entre o Norte e Sul dos Estados Unidos sobre escravatura, sendo que o norte, região industrializada, defendia sua abolição para que ex-escravos se tornassem consumidores e o sul, região agrícola, defendia sua prática para que a produção tivesse um custo mais baixo. O fim do conflito resultou na morte de 600 mil civis e na vitória do norte.

Os legisladores cuidavam para que fossem mantidas a conduta e a boa moral na colônia, sujeitando à censura e à repressão aquilo que fosse considerado pecado, multa pecuniária ou ao açoitamento do autor da ação, como por exemplo o estupro, o adultério, relações sexuais entre pessoas que não fossem casadas, o uso de linguagem imprópria, embriaguez, mentira, o uso de tabaco, a adoração à Deus através de um ritual diferente (autores destas ações eram castigados com a morte), dentre outras práticas “violadoras” da religião e da moral.

Nota-se que o princípio da tolerância religiosa que os próprios emigrantes exigiam em sua nação de origem, era esquecido, porém não somente por autoridades ou pelos legisladores, mas também pela própria comunidade interessada na criação da legislação da União Americana que votava livremente nestas leis autoritárias.

Em 1650 as cidades autogovernadas já tinham vida política, já estavam organizadas de acordo com seus direitos, deveres e interesses, utilizavam de princípios correspondentes ao regime democrático e republicano, criaram uma sociedade que tinha obrigações para com seu povo, como por exemplo as medidas de cuidados com os pobres adotadas na região da Nova Inglaterra, que tinha como objetivo manter a ordem pública na cidade.

A população da Nova Inglaterra aumentou rapidamente; e enquanto a hierarquia das classes agrupava despoticamente os habitantes da pátria-mãe, a colônia aproximava-se mais e mais do espetáculo novo de uma comunidade homogênea em todas as suas partes. Uma democracia, mais perfeita do que jamais toda antiguidade se atrevera a sonhar, surgia em tamanho natural e toda armada no seio de uma antiga comunidade feudal. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 54)

Porém, mesmo portadores de toda autonomia, ainda reconheciam a superioridade da monarquia existente no território britânico, o qual, igualmente à outras nações europeias, não tinha grandes preocupações para com seu povo, os direitos ou liberdade dos mesmos e ainda explorava suas colônias, o que mais de um século depois, em 4 de julho de 1776, levou-as, após mais de um ano de guerra contra a Grã-Bretanha e os impostos cobrados por ela na Lei do Açúcar, Lei do Selo e Lei do Chá, a declararem-se um Estado livre e independente através da Revolução Americana e da Declaração da Independência dos Estados Unidos da América. O documento foi escrito principalmente por Thomas Jefferson, filósofo político nascido em 13 de abril de 1743 em Shadwell, Virgínia, Colônia do Sul, ele que foi o terceiro presidente do país e é considerado um de seus fundadores, além de ser conhecido por seu ideal republicano e

difusor do mesmo nos Estados Unidos que, de acordo com Jefferson, era o meio para as colônias se tornarem independentes do imperialismo britânico.

A Declaração da Independência defende a vida, os direitos, a liberdade, a felicidade dos cidadãos e os Direitos Humanos:

Consideramos estas verdades como auto evidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes são vida, liberdade e busca da felicidade. (Declaração da Independência dos Estados Unidos da América, 1776)

Esta frase se tornou-se mundialmente conhecida e uma das que caracteriza esta declaração como mais um marco democrático para a nação, além de servir como influência e base para a criação de outros documentos referentes ao assunto ao redor do mundo.

Somente em 1783, o Império Britânico reconheceu sua derrota e a independência dos Estados Unidos que por sua vez, enfrentavam os desafios de ser uma Confederação Independente, até se tornar oficialmente um país e ter sua constituição em 1787, escrita por representantes de todos os Estados Americanos e que substituía suas constituições particulares, que definia com clareza os poderes: executivo, legislativo e judiciário bem como definia também a função do governo federal no país, o qual era independente, superior à todos os outros Estados e que possuía o direito de cobrar impostos.

A composição do Legislativo ou Congresso, gerou muitas discussões acerca da representação dos Estados devido ao fato de que Estados com maior número populacional desejavam que o número de representantes fosse equivalente, ou seja, Estados com maior população deveriam ter mais representantes, Estados com menor população deveriam ter menos representantes, enquanto o segundo desejava que todos Estados tivessem apenas um representante e um único voto nas decisões.

Independentemente de quantos representantes cada Estado tivesse, essa é considerada uma forma de democracia indireta, apresentada no primeiro subcapítulo deste trabalho. Durante uma convenção sobre o assunto, ficou decidido que os Estados teriam um número de representantes equivalente ao número de sua população, além do sistema bicameral que iria compor o Congresso, o qual seria dividido entre Câmara dos

Representantes dos Estados Unidos, a Câmara Inferior e popular, aberta às opiniões e vontades do povo e o Senado, Câmara Superior e mais reservada à opinião popular.

A Constituição norte-americana gerava controvérsias e preocupações entre os cidadãos, principalmente entre os Antifederalistas, os quais temiam o novo poder que a mesma havia atribuído ao Governo Federal, como por exemplo a cobrança de impostos, o que poderia tornar o governo corrupto assim como era a Inglaterra durante o colonialismo, além de estarem insatisfeitos com o escasso número de leis que ela apresentava sobre a defesa dos direitos e a liberdade do povo.

Diante deste quadro de controvérsias, somente oito dos treze Estados haviam ratificado a Constituição, que por sua vez só poderia entrar em vigor quando nove deles ratificassem, o que ocorreu somente em 1789 com a criação da Carta de Direitos Humanos (United States Bill of Rights), que entrou oficialmente em vigor em 1791, a qual consiste em dez emendas que foram anexadas à Constituição e que foram suficientes para que a Virgínia, Carolina do Norte e Nova Hampshire a ratificassem para que, finalmente, pudesse entrar em vigor.

A Carta de Direitos Humanos limita alguns poderes do governo federal a fim de proteger os cidadãos que estivessem no território norte-americano, fossem eles nacionais ou estrangeiros, de um governo censurador, portanto, foi estabelecido na carta, em linhas gerais: a liberdade individual, a liberdade de expressão, a liberdade religiosa, o direito à vida, o direito ao porte e uso de armas e o direito à propriedade, visto isso o governo federal foi impedido de violar qualquer um destes princípios, bem como foi impedido de realizar busca e apreensão e de executar castigos cruéis sem a acusação formal de um júri imparcial, realizada em um julgamento público no distrito de ocorrência do crime, e foi impedido também de desenvolver leis que privassem o povo de seus direitos, liberdades e religiosidade.

A liberdade considera a religião sua companheira em todas as batalhas e seus triunfos - como berço de sua infância e fonte divina de suas reivindicações. Considera a religião a salvaguarda da moralidade, e a moralidade a melhor garantia da lei, e o penhor mais seguro da duração da liberdade. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 59)

Em 1789, os Estados Unidos elegeram seu primeiro presidente, George Washington, através de um sistema eleitoral que assegurava a presidência ao candidato com maior número de votos e a vice-presidência ao segundo mais votado, sendo este

modelo de eleição presidencial uma das premissas do modelo democrático e também uma forma de democracia indireta.

Na ausência de nomeações formais, George Washington, anteriormente comandante chefe do Exército Continental, foi nomeado à presidência pelos criadores da Constituição norte-americana. Nas eleições 92,4% dos votos vieram de eleitores federalistas e somente 7,6% vieram de eleitores antifederalistas, totalizando 38.818 votos, o que representa somente 1,3% da população norte-americana que contava um total de 3 milhões de pessoas de acordo com o censo de 1790, sendo que 2,4 milhões eram pessoas livres e 600 mil eram escravos⁴.

Washington, diferentemente da maioria dos políticos da época, mantinha sua neutralidade ideológica apesar de ser historicamente considerado um federalista, enquanto os dois secretários de seu gabinete, Alexander Hamilton do Norte e Thomas Jefferson do sul, eram, respectivamente, Federalista e Antifederalista, diferenças estas que causavam divergências políticas e que deram origem ao Partido Federalista, representante do sul e ao Partido Democrata-Republicano, representante do norte.

Deve-se fazer uma grande distinção entre os partidos. Alguns países são tão grandes que as diferentes populações que os habitam, embora unidas sob o mesmo governo, tem interesses contraditórios; e podem estar, conseqüentemente, em perpétuo Estado de oposição. [...] Mas quando os cidadãos nutrem opiniões diferentes a respeito de assuntos que afetam o país inteiro - como, por exemplo, os princípios pelos quais o governo deve se conduzir - surgem, então, distinções que podem ser, corretamente, denominadas partidos. Os partidos são um mal necessário dos governos livres; mas nem sempre tem o mesmo caráter e a mesma propensão. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 103)

A existência de partidos políticos contradiz a constituição norte-americana que não os menciona e também o presidente, que era contra esta divisão pois acreditava que ela seria capaz de causar ainda mais conflitos ideológicos e de interesses. O Partido Federalista, promotor da Constituição, se aproveitou deste fator para obter vantagens políticas enquanto o partido dos antifederalistas, Partido Democrata- Republicano, que já era inconsistente, se tornou ainda mais fraco até a sua extinção.

No fim de seu segundo mandato, Washington decidiu não se candidatar acreditando que se fizesse o contrário, poderia se tornar um ditador para seu povo e além disso, estava descontente com a divisão ideológica que vinha acontecendo no país juntamente à criação dos partidos políticos.

⁴ Anexo A

Seu sucessor foi o Federalista John Adams, ex-vice presidente, que agravou os conflitos entre os partidos ao afirmar que os Democratas-Republicanos traíam os Federalistas ao manter relações diplomáticas com a França, nação inimiga, e como forma de punição, Adams levou o Congresso à aprovar o *Alien and Sedition Acts* em 1798, o qual caracterizava determinadas ações contra o governo federal como atos criminosos, como por exemplo críticas ao Congresso ou um de seus membros, inclusive o Presidente, sendo que naquele período o Congresso era composto principalmente por integrantes do Partido Federalista.

O indivíduo que agisse em oposição ao governo federal seria punido pelo *Alien and Sedition Act*, podendo ser preso ou deportado caso fosse estrangeiro ou o período para obtenção da sua cidadania norte-americana seria estendido de cinco para quatorze anos. Este ato violava os princípios democráticos adotados pelos Estados Unidos na época, como violava também a Declaração da Independência e a Carta de Direitos norte-americana ao privar, principalmente, os Antifederalistas e estrangeiros de sua liberdade de expressão, do seu direito à vida e ao executar castigos cruéis, busca e apreensão sem a realização prévia de um julgamento imparcial até provar a culpa do acusado.

O governo de Adams se tornou opressor, não correspondia mais as vontades do povo, se tornou corrupto ao instaurar novos impostos, principalmente sobre escravos e propriedades e causou grande descontentamento na população.

Jefferson e Madison, representantes dos Estados da Virgínia e Kentucky, respectivamente, conseguiram em 1798 através do Poder Legislativo, a aprovação de novas resoluções que anulavam o *Alien and Sedition Act* e permitiam ao povo impor suas opiniões em relação ao governo federal e também a anular tarifas alfandegárias excedentes estabelecidas nos Estados do Sul.

O insucesso do presidente anterior junto ao Partido Federalista e o anseio do povo por mudanças, garantiu nas eleições presidenciais de 1800 a vitória à Thomas Jefferson, um forte e popular candidato que era fiel à ideais, à Constituição e que teve grande apoio principalmente de comerciantes e fazendeiros.

Em seu discurso, Jefferson defendia uma sociedade simples e produtiva, um governo sábio e pouco intervencionista, mas que fosse capaz de manter a ordem, sendo que esta ordem permitiria a liberdade do povo para regular suas próprias vidas e que assim exigiria o mínimo de intervenções estatal. A filosofia política de Jefferson ficou conhecida como Democracia Jeffersoniana, pois seu modelo republicano de governo

garantia a igualdade de oportunidades e estendeu novos movimentos, procedimentos e leis democráticas por todo o país, que beneficiavam inclusive criminosos e devedores. Este foi um período de ascensão para os Estados Unidos, havia estabilidade política, houve redução das dívidas nacionais e o povo estava satisfeito com o presente governo, que chegou ao fim em 1808 com as novas eleições que deram lugar ao novo presidente, James Madison.

Madison iniciou sua carreira política ao lado do ex-presidente George Washington na organização do novo governo federal e como um dos autores da Constituição e da Carta de Direitos, era membro do Partido Federalista de Hamilton, porém cortou relações com o mesmo em 1791 e criou juntamente á Thomas Jefferson, o Partido Democrata-Republicano e mais tarde, as Resoluções de Virgínia e Kentucky contra o *Alien and Sedition Acts* como citado anteriormente.

Após a vitória contra a Inglaterra na guerra de 1812, a maior potência da época, os anos de mandato de Madison (1089 - 1817) ficaram conhecidos como Era do Bem Sentir, um período de isolamento estadunidense, de paz, de expansão territorial, de forte nacionalismo e orgulho americano, de fortalecimento econômico e criação de um forte exército e de um banco nacional. Esta era continuou até 1825, porém sob o governo do novo presidente James Monroe (1817-1825) e com a existência de conflitos regionais e faccionais como Federalistas contra Democratas-Republicanos, o que resultou na desintegração do primeiro e ascensão do segundo, fator que garantiu a reeleição de Monroe em 1820 devido a inexistência de um concorrente e existia também um conflito entre norte e sul a respeito da escravidão, nortistas exigiam sua abolição, enquanto sulistas defendiam sua prática.

No Sul, o homem, ajudado por escravos, podia cultivar uma grande extensão de campo; era, portanto, comum verem-se ricos proprietários rurais. [...] Mesmo assim, os grandes proprietários ao sul de Hudson constituíam uma classe superior, tendo ideias e gostos próprios e formando o centro de ação política. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 60)

James e seu governo ficaram conhecidos pela Doutrina Monroe, que foi pronunciada pela primeira vez diante do Congresso norte-americano em 2 de novembro de 1823 e que estabelecia uma “América para os americanos” sob 3 princípios: proibição da criação de novas colônias europeias no continente americano, proibição de interferência europeia em questões americanas e neutralidade americana diante de conflitos europeus, exceto quando estes conflitos atingissem a América.

Esta Doutrina surgiu após a criação da Santa Aliança formada por países europeus como França, Áustria e Rússia que tinham o objetivo de iniciar um novo processo colonizador pela América, o que representava uma ameaça ao continente e principalmente aos Estados Unidos que para se protegerem, foram os primeiros a reconhecer a independência dos países sul-americanos anteriormente colonizados pela Espanha. Por trás desta Doutrina, estavam somente os interesses particulares dos Estados Unidos e sua proteção à países latinos era, na verdade, uma forma de se proteger.

A existência de um único Partido Político no país dificultava as eleições para presidente, pois dava ao Legislativo dos Estados o direito de indicar candidatos que em seguida eram votados, porém, nas eleições de 1824 nenhum dos indicados obtiveram a maioria dos votos (50,1%) no Colégio Eleitoral, portanto, como prevê a Constituição norte-americana, a decisão deveria ser passada à Câmara dos Representantes que elegeria o candidato mais influente dentro dela, Enry Clay, inicialmente indicado por Kentucky, porém, Clay abdicou do cargo e optou por apoiar John Quincy Adams, indicado por Massachusetts, o qual se tornou o novo presidente do país e que em troca indicou Clay ao cargo de Secretário de Estado. Este episódio ficou conhecido com A Barganha Corrupta e causou descontentamento em Andrew Jackson, candidato à presidência indicado por Tennessee e Pensilvânia, e seus seguidores, que levaram à criação de uma divisão dentro do Partido Democrata-Republicano, o chamado Partido Democrata.

Adams não teve um governo marcante, foi um presidente honesto e eficiente, porém impopular e frustrado ao falhar na melhoria da infraestrutura do país, o que deu a vitória presidencial à Jackson nas eleições de 1828.

Até 1828, a linhagem presidencial dos Estados Unidos era composta por presidentes nascidos ou criados em famílias de elite, Jackson, porém, nasceu em uma família da classe trabalhadora, lutou contra índios, participou da guerra Anglo-Americana, onde liderou forças que garantiram a vitória na última batalha. Em sua candidatura, Jackson prometera extinguir o monopólio de governo criado por homens da classe alta e proteger os “homens comuns” através de políticas igualitárias que se aplicariam a todos. Estas medidas resultaram na chamada Democracia Jacksoniana, a qual garantiu ao candidato o apoio dos seguidores do novo partido político, os Democratas e também o apoio de pequenos fazendeiros e trabalhadores que encontraram nele o apoio necessário para resistir às mudanças comerciais resultantes da

Revolução Industrial e com esta popularidade, Jackson obteve a maioria dos votos do colégio eleitoral e em 1832 se reelegeu facilmente sem grande oposição. Jackson ainda realizou significantes mudanças na composição do governo que antes de seu mandato, era composto por homens ricos que ocupavam cargos perpétuos, ou seja, válidos até sua aposentadoria ou morte, estes homens foram substituídos por seguidores escolhidos por Jackson.

As eleições presidenciais de 1828 representam um marco histórico democrático para os Estados Unidos pois marca o início da permissão dos Estados à maior participação da população nas votações, sendo que anteriormente à esta data, os Estados exigiam que a sua população atendesse à critérios rígidos, como por exemplo a posse de determinada extensão de terras ou o pagamento de altas taxas de impostos para que pudessem votar em seus candidatos.

Na década de 1820, os Estados Unidos não tinham mais grandes preocupações com a Europa, pois o continente enfrentava um período de paz e estabilidade, desta forma os norte-americanos puderam se concentrar, primeiramente, em seus assuntos internos e em sua expansão que se deu na direção oeste, onde localizavam-se territórios conquistados pelos Estados Unidos através da Guerra da Independência, guerra contra a França e através da compra da Louisiana.

Em 1830, a região oeste se encontrava bem povoada e já exercia atividades agropecuárias industrializadas, porém, alguns expansionistas optaram por marchar para além das fronteiras norte-americanas já estabelecidas e seguiram na direção do extremo oeste, chegando em regiões que não pertenciam aos Estados Unidos, mas sim ao Reino Unido, Oregon e México.

A posse destes territórios foi um fator essencial para o crescimento econômico estadunidense que se deu através do desenvolvimento agrícola e industrial, que aceleraram os processos de produção e o consumo no mercado interno fazendo os Estados Unidos prosperarem de acordo com a suposta vontade de Deus.

[...] O leitor deve ter, sem dúvida, notado o preâmbulo destas disposições; na América, a religião é o caminho do conhecimento, e a observância das leis divinas levam o homem à liberdade civil. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 58)

O expansionismo se estendeu também ao leste do Rio Mississippi onde afetou tribos indígenas, que segundo os colonos, se localizavam em terras férteis e por isso as expulsavam para regiões isoladas.

Em 1834, ainda sob o mandato de Jackson, o governo federal e tribos indígenas ratificaram 94 tratados em que os nativos cediam milhares de quilômetros de terras ao governo em troca de moradia no Território Indígena, uma área destinada a tribos, localizada à leste, onde atualmente está localizado o Estado de Oklahoma. Em 1880, todas tribos indígenas, antes localizadas nos 48 Estados do país, concentravam-se no território reservado a elas, essa mudança resultou na morte de muito nativos, sendo a contração de doenças e a desnutrição, eram as principais causas.

Em 1850, a questão escravista voltou a ser tema de discussão entre os Estados do norte e do sul, sendo que o primeiro dependia de uma agricultura de subsistência e da produção de bens industrializados, logo defendia a abolição da escravidão, pois uma vez livres, os ex-escravos poderiam cooperar na agricultura e consumir no mercado, o sul, porém, defendia a prática da escravidão para assim utilizar mão-de-obra barata no cultivo do algodão e manter seu preço baixo para exportações à países europeus. Este problema causava grande controvérsia nos novos Estados localizados à leste, pois o sul exigia que estes fossem adeptos à escravatura ou que ao menos tivessem o direito de optar por este tipo de trabalho ou não, para que houvesse um equilíbrio entre Estados abolicionistas e escravistas pois desta forma o sul não se prejudicaria com o crescimento do norte, que por sua vez, desde o início de seu movimento abolicionista em 1820, atraía um elevado número de imigrantes que buscava a liberdade, resultando em um elevado crescimento populacional no norte e sua maior participação na Câmara dos Representantes.

O equilíbrio entre escravistas e abolicionistas foi mantido até o fim da década de 1850, depois deste período os novos Estados norte-americanos haviam se decidido e sua maioria optou por ser abolicionista, o que desequilibrou o Congresso que como forma de solução de controvérsias entre norte e sul, criou os chamados Compromissos de 1850 e o Ato de Kansas e Nebraska em 1854, os quais permitiam a continuação da escravidão desde que o Estado em questão a quisesse adotar. Estas medidas criadas pelos Congresso desagradaram ao norte que teve sua população envolvida em satisfaz e revoltas populares.

Em 1858, Dred Scott era um escravo que reivindicava sua liberdade, porém a Suprema Corte o reconhecia apenas como uma propriedade devido a sua condição de escravo e um não cidadão norte-americano devido sua origem afro-americana, além disso, ocorreu um outro episódio em 1859 em que o abolicionista John Brown e seu grupo de seguidores, iniciaram uma rebelião de escravos no Estado da Virgínia, porém

ao ser capturado, seu fim foi um julgamento que o considerou traidor e que o levou à morte, causando grande nos Estados do norte.

A primeira questão com que deparavam os americanos, era a de dividir a soberania de tal modo que cada um dos diferentes Estados, que compunham a União, continuasse a governar-se a si próprio em tudo o que se referisse à sua prosperidade interna, ao mesmo tempo que a nação inteira, representada pela União, continuaria a formar um corpo compacto e a prover por todas as exigências gerais. (...) Era impossível determinar, de antemão, com algum grau de exatidão, o quinhão de autoridade que cada um dos dois governos devia gozar, bem como prever todos os incidentes na vida da nação. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 94)

Em 1860, Abraham Lincoln, abolicionista e representante do Partido Republicano, se candidatou à presidência, o que levou o Sul à iniciar movimentos separatistas, a chamada Secessão, que se concretizaria se Lincoln fosse eleito. Como argumento, os sulistas se baseavam na Constituição que reconhecia a liberdade e os direitos dos Estados que constituíam os Estados Unidos, portanto, nenhuma medida legal poderia ser tomada para evitar a independência dos Estados do sul.

Com a eleição de Lincoln, a Carolina do Sul foi o primeiro estado a se separar, logo depois foram Alabama, Flórida, Geórgia, Louisiana e Mississippi que representados por seus políticos e senhores de escravos, aprovaram uma nova Constituição que os reconhecia como Estados Confederados da América e elegeram Jefferson Davis, do Estado do Mississippi, como presidente. No ano seguinte, três novos estados se uniram ao movimento: Missouri, Texas e Virgínia e em 9 de fevereiro de 1861, se declararam Estados independentes.

A secessão do Sul, representou para o Norte uma aproximação do Congresso e facilitação da aprovação de políticas antes não aprovadas devido à resistência dos sulistas. Em seu primeiro discurso, Lincoln afirmou que utilizaria de todos os recursos possíveis para tomar posse das terras norte-americanas onde se localizavam os Estados do Sul, como um esforço em manter a união do país, porém a tentativa de reconciliação foi negada e em 12 de abril os sulistas realizaram um ataque em *Fort Samter*, na Carolina do Sul, este foi considerado o estopim da guerra civil norte-americana. A guerra durou quatro anos, seus principais motivos eram os direitos dos Estados e a luta de Lincoln juntamente ao Norte para manter a unificação do país, porém ao ver que esta região não conquistava grandes vitórias, o presidente optou por transformar a guerra em uma luta de abolição à escravidão e assim ganhou o apoio de republicanos e abolicionistas radicais.

[...] As guerras longas quase sempre reduzem as nações à alternativa triste de serem abandonadas à ruína pela derrota, ou ao despotismo pelo sucesso. A guerra torna, portanto, a fraqueza de um governo mais visível e mais alarmante; ora, já mostrei que o defeito inerente do governo federal é o de ser fraco. (TOCQUEVILLE, Alexis, 1835, p.101)

O fim da guerra deixou marcas profundas nos Estados Unidos, resultou na morte de 620 mil civis, na destruição do Sul e na abolição da escravidão que aconteceu somente dois anos depois, em 1863 através do Ato de Emancipação ratificado por Lincoln que libertava cerca de 4 milhões de escravos, porém somente em 1865, com a criação da 13ª emenda Constitucional a escravidão foi oficialmente proibida pelo Congresso. Nos anos seguintes, o Ato que libertava os negros sofreu alterações a fim de alocá-los mais facilmente em sociedade, permitindo assim que fossem recrutados pelo exército nortista, em 1868 passaram à, supostamente, ter direitos iguais aos brancos e em 1870 ganharam a igualdade de direito eleitoral, porém a Carolina do Sul, Louisiana e Mississippi burlavam constantemente estes direitos através do *Black Code*, medidas consideradas legais que restringiam os direitos dos negros.

Lincoln foi assassinado e seu sucessor foi Andrew Johnson, um sulista que tentou vetar o ato que garantia direitos civis aos negros, o que fez a Câmara dos Representantes iniciar um processo de impeachment contra ele, porém o processo foi negado pelo Senado e assim a Câmara não obteve o número necessário de votos para fazê-lo. Nos anos seguintes, com apoio da Câmara dos Representante, o ato que libertava os escravos sofreu alterações em uma tentativa de alocá-los mais facilmente em sociedade, permitindo assim que fossem recrutados pelo exército nortista, em 1868 passaram à, supostamente, ter direitos iguais aos brancos e em 1870 ganharam a igualdade de direito eleitoral aqueles que fossem homens maiores de 21 anos, porém a Carolina do Sul, Louisiana e Mississippi burlavam constantemente estes direitos através do *Black Code*, medidas consideradas legais que restringiam os direitos dos negros e demonstravam ainda a existência do racismo na União.

Simultaneamente, ocorria a reconstrução da nação, os Estados do Sul novamente anexados à União sofriam grande humilhação pelas novas leis políticas e econômicas criadas pelo governo norte-americano e pelas ocupações política e militar dos nortistas e de ex-escravos em seu território, diante deste contexto, os sulistas não tiveram outra opção além de aceitar o ato, as emendas emendas Constitucionais para finalmente serem

readmitidos aos Estados Unidos, o que resultou em ressentimento entre os sulistas e o governo.

Somente em 1870, todos ex-Estados Confederados foram readmitidos à União e até 1877 ainda enfrentavam o período de reconstrução, também naquele mesmo ano o país ganhara um novo presidente, Rutherford B. Hayes, um candidato sulista que causava certo desagrado aos nortistas. Ao chegar à presidência, Hayes colocou um fim à reconstrução, desta forma os Estados do Sul se sentiram livres das medidas impostas por Lincoln e de seus deveres para com as emendas Constitucionais que garantiam direitos civis à pessoas negras, com isso, os sulistas criaram uma sociedade segregacionista de supremacia branca que tirou de tirou pessoas negras de seus postos governamentais, isso se espalhou até o Norte que, por sua vez, optou por não intervir nas práticas do Sul a fim de evitar outra guerra civil sangrenta e aderiu às mesmas, o que levou à dois resultados: forte aliança entre Norte e Sul, a qual fortaleceu ainda mais a união da Nação e o fim dos direitos civis concedidos à pessoas negras. Neste contexto, atos e emendas foram removidos da Constituição norte-americana pela Suprema Corte, o Congresso, composto por sulistas, aprovou a total segregação tanto em locais públicos quanto no exercício de comércios, assim os direitos civis concedidos aos ex-escravos em 1875 se deterioravam rapidamente.

Em um processo a parte dos conflitos sociais, os Estados Unidos passavam por um bom desenvolvimento econômico que dava vida à novas indústrias e tecnologias que dependiam do emprego de mão-de-obra barata para que pudessem produzir e vender por um valor menor, com isso se fez importante a onda de imigração que chegou aos Estados Unidos em 1890, uma vez que, mesmo com discriminações raciais, todos norte-americanos eram considerados cidadãos livres, logo, sua mão-de-obra era relativamente mais cara. De 1890 a 1910, os Estados Unidos receberam aproximadamente 18 milhões de imigrantes de diferentes origens: Alemanha, Escandinava, Escócia, Império Austro-Húngaro, Inglaterra, Itália, Irlanda, Lituânia, País de Gales, Polônia e Rússia que ocuparam postos de mineradores e realizavam atividades de manufatura. O nascimento e o crescimento de indústrias prejudicavam os pequenos fazendeiros que produziam de forma gradativa e por um preço mais elevado, isso fez com que estes buscassem formas de acelerar seus processos de produção, os quais acabavam por deteriorar o solo, dificultando ainda mais no plantio e na colheita, ademais, enfrentavam também desastres naturais e tempos de seca.

Os pequenos fazendeiros se tornaram endividados e passaram a ser massacrados pela elite política e econômica do país, levando-os ao máximo de seu descontentamento e à criação de um novo partido político, o Partido Populista que chegou ao governo, juntamente aos Partidos Republicano e Democrata, em 1890. Em 1892 o partido realizou sua primeira convenção, reunindo organizações agropecuárias, reformistas e trabalhistas no Estado de Nebraska a fim de discutir problemas relacionados à financiamentos, terras, transportes e também a corrupção política e econômica praticadas pela elite que protegiam seus interesses particulares.

A iniciativa populista teve grande apoio dos Estados do Sul e do Oeste, principalmente nas eleições presidenciais de 1892 ao indicar ao cargo um candidato que recebeu um milhão de votos, porém, não foi o suficiente para sua eleição. O eleito daquele ano foi Grover Cleveland, membro do Partido Democrata que quase levou-o à seu fim ao provocar no país uma elevada inflação que iniciou com a ideia de que quanto mais moedas fossem emitidas e colocadas no mercado, mais as indústrias venderiam e pagariam aos seus trabalhadores, que por sua vez, seriam grandes consumidores, porém o resultado foi o oposto do esperado, os bancos, as indústrias, comerciantes e trabalhadores se endividaram e o foco político e econômico não estava mais voltado aos populistas, mas sim nas eleições de 1896 e em medidas que revertissem a situação.

Nesta eleição, William McKinley, representante do Partido Republicano, tornou-se presidente. Em seu mandato, McKinley protegeu a indústria nacional através de taxas alfandegárias e diminuiu a inflação com o uso do padrão-ouro, desta forma pôde recuperar a economia do país. Seu objetivo como presidente era fazer com que a nação prosperasse através de práticas imperialistas, com este discurso, McKinley conquistou seu segundo mandato em 1900. Em seu primeiro mandato, diante da pobreza enfrentada pelos trabalhadores, foram feitas reformas trabalhistas que tinham por objetivo alterar o quadro de trabalho que, desde 1850, quando surgiram as primeiras indústrias, se encontrava em condições precárias, não existia qualquer direito trabalhista, o trabalho era pesado e os trabalhadores eram expostos à ambientes perigosos, a jornada era de 10 a 12 horas diárias em troca de 0,55 centavos para homens, enquanto mulheres e crianças⁵ ganhavam apenas uma porção deste valor executando o mesmo trabalho sob as mesmas ou piores condições.

⁵ Anexo B

Em 1869, um grupo de trabalhadores criou a primeira grande organização trabalhista, a chamada Ordem dos Cavaleiros do Trabalho, a qual era composta por 500 mil operários, dentre eles fazendeiros, afro-americanos e mulheres que lutavam por um salário mais justo, pela diminuição da carga horária de trabalho diário e pelas melhores condições trabalhistas. Somente em 1874 houve uma iniciativa governamental a este respeito, o Estado de Massachusetts aprovou a primeira lei trabalhista nacional, a qual definia uma jornada de trabalho diária de mulheres e crianças de 10 horas, não podendo mais se estender a 12.

A Ordem dos Cavaleiros sofreu um declínio com o surgimento de uma nova organização, a Federação Americana de Trabalho, a qual defendia somente os interesses de trabalhadores qualificados. Os proprietários das grandes indústrias, por sua vez, se negavam a atender as reclamações dos manifestantes e devido a uma pequena crise econômica no país, realizaram ainda cortes salariais de 10%, o que resultou em greve ferroviária e embate entre patrões e trabalhadores. Nas tentativas de finalizar a mesma em 1877 houve uma intensa intervenção militar, resultando em bombardeios, morte de trabalhadores e revolta trabalhista nacional até 1886.

Mais tarde, em 1892 houveram greves nas siderúrgicas de Carnegie, na Pensilvânia, dez dos trezentos detetives contratados para colocar fim à greve foram mortos, portanto, foi realizada uma intervenção por parte da Guarda Nacional que colocou fim ao movimento ao empregar todos trabalhadores que não possuíam vínculos com associações ou sindicatos trabalhistas, enquanto aqueles que os tinham, foram proibidos de trabalhar nas siderurgias da Companhia Carnegie até 1937. Em 1895 a união dos sindicatos do Oeste resultou na organização *Industrial Workers of the World* (*IWW*) que instigava greves principalmente entre mineradores, operários têxteis e pedia auxílio social aos necessitados, porém, o IWW chegou ao fim devido à intervenção estatal realizada no início da primeira Guerra Mundial.

Nas eleições de 1900, McKinley foi reeleito sem grande oposição, ele havia se tornado popular no país, não necessariamente pelas reformas trabalhistas, mas sim pela criação da Grande Marinha Branca, pelas medidas econômicas e a vitória na guerra Hispano-Americana que trouxeram bons resultados e prosperidade aos Estados Unidos tornando-o uma potência econômica e mundial para a época. Para a ascensão da economia foram adotadas medidas protecionistas além da conquista de novos mercados por meio da política de “Portas Abertas” e do colonialismo, principalmente nas Filipinas

e em Porto Rico, pontos estratégicos de comércio que ligavam os Estados Unidos aos mercados chineses e latino-americanos.

O colonialismo era visto como uma questão que ia além dos interesses econômicos norte-americanos, era visto também como um processo civilizatório capaz de levar melhorias, educação e desenvolvimento à aqueles considerados selvagens. Em 1901 McKinley foi assassinado e quem assumiu a presidência foi seu vice, Theodore Roosevelt, que chegou ao poder em um momento de prosperidade e de relativa paz no governo federal, enquanto governos estaduais e regionais enfrentavam problemas sociais e trabalhistas causados por políticos corruptos e pelas grandes indústrias, em resposta à este contexto, foi criado o movimento político progressivista ou progressista, o qual teve grande influência no país até o início da primeira Guerra Mundial.

Este movimento era de ideologia esquerdista, seus membros exigiam mudanças sociais e trabalhistas, pressionavam os governos estaduais, regionais e inclusive o federal, para que legislassem novas regulações relativas ao setor comercial, industrial e o de serviço público para que os interesses desta classe social, fossem atendidos. Visto que a pressão do povo sobre os governos não surtia o feito desejado, passaram então a se manifestar através de matérias em jornais, revistas populares, obras literárias de autores progressistas e através de conflitos contra proprietários industriais. Nestes escritos, eram expostas todas as atividades impróprias praticadas pelas indústrias ferroviárias, petrolíferas e de carne, bem como as calamitosas condições de trabalho proporcionadas aos operários.

A influência da liberdade de imprensa não afeta apenas as opiniões políticas, mas estende-se a todas as opiniões do homem e modifica os costumes e bem assim as leis de escravatura [...] (TOCQUEVILLE, 1835, p. 107)

Para colocar um fim aos escândalos, os governos estadual e federal passaram a agir e a alterar as condições de vida e de trabalho do povo, foram estabelecidas novas leis trabalhistas que proibiam o trabalho infantil e que estabeleciam uma idade mínima para trabalhar, a carga horária de trabalho foi reduzida para oito horas diárias, o trabalho noturno passou a ser limitado e o empregador passou a ser responsável por qualquer acidente ocorrido no ambiente de trabalho. Para assegurar que as novas leis não fossem violadas, o presidente Roosevelt as fiscalizava juntamente à economia, isso fez com que o povo criasse nele maior confiança e o reelegesse nas eleições presidenciais de 1904.

Em 1908 ocorreriam as eleições para um novo presidente, Roosevelt não se candidatou, optou por apoiar o candidato William Howard Taft, ex-governador das colônias norte-americanas localizadas nas Filipinas. Taft deu continuidade na política criada por Roosevelt, porém sua popularidade sofreu uma queda com a adoção de medidas protecionistas, como a criação de elevadas tarifas alfandegárias e sua objeção à anexação do Arizona como Estado membro dos Estados Unidos, com isso não foi possível sua reeleição em 1912 e a vitória das eleições foi para o candidato republicano, Woodrow Wilson

Wilson era um reformista, suas políticas buscavam justiça, igualdade e transparência, seu governo reformulou as tarifas alfandegárias cobradas sobre mais de cem itens industrializados, a fim de reduzi-las e assim, reduzir também o custo de vida, criou leis que impedissem a competitividade ilegal entre indústrias e Atos que indenizavam trabalhadores com capacidades limitadas causadas por acidentes de trabalho. Estas, dentre outras reformas, caracterizam Wilson como o maior reformista da história norte-americana.

Em 1914 teve início a primeira Guerra Mundial, em seus primeiros anos os Estados Unidos mantiveram um posicionamento neutro, porém, devido os bombardeios alemães à navios estadunidenses e as tentativas da Alemanha de colocar o México contra os Estados Unidos, caso este declarasse guerra ao primeiro, fez com que o governo norte-americano ficasse ao lado da França e do Reino Unido em 1917, uma parcela do povo juntamente ao Congresso apoiou o posicionamento de Wilson, outra parcela, preferia ainda a neutralidade. Esta oposição à Alemanha fez com que tudo o que fosse relacionado a ela e que estivesse dentro do território norte-americano, fosse satirizado e alvo de preconceito, como a cultura, o idioma, cidadãos norte-americanos de origem alemã, podendo ser presos caso agissem de forma considerada inapropriada ou incômoda, por esse motivo escondiam suas raízes e sobrenome para que pudessem viver em paz nos Estados Unidos.

A ocorrência mais importante na vida de uma nação é o desencadeamento de uma guerra. Na guerra, o povo atua como um homem contra nações estrangeiras, em defesa de sua própria existência. A habilidade do governo, o bom senso da comunidade e o afeto natural que o homem sempre tem pelo seu país podem ser bastantes, enquanto o objetivo é a manutenção da paz no interior do Estado e o desenvolvimento de sua prosperidade interna; mas, para a nação poder levar a cabo uma guerra longa, o povo deve fazer sacrifícios mais numerosos e dolorosos; e supor que um grande número de homens se submeterá de boa vontade a essas exigências é revelar ignorância da natureza humana. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 101)

No fim da guerra em 1919, a França e os Estados Unidos foram atores determinantes da vitória dos Aliados e derrota da Alemanha que se encontrava literalmente derrotada e que sofreu ainda as consequências do Tratado de Versalhes assinado pela Itália, França e Reino Unido, que obrigava o país a pagar altas taxas de indenização aos países atingidos pela guerra, além de sofrer retaliação e ter parte de seu território dado à países como França, Polônia e Lituânia. Enquanto isso, os Estados Unidos, ainda sob o governo de Wilson, negociavam tratados particulares com a Alemanha e tentava se juntar à Liga das Nações que sofria grande oposição do Congresso e do povo norte-americano.

Em 1920 houveram novas eleições presidenciais, o eleito foi Warren Gamaliel Harding do Partido Republicano, que em seu discurso prometia a paz e a normalidade aos Estados Unidos após a tensão da primeira guerra, porém, o que ocorreu de fato foram escândalos de corrupção envolvendo o presidente que não pôde ser devidamente julgado devido seu falecimento em 1923, deixando a presidência para seu vice, Cavin Coolidge. Em 1924, nas novas eleições presidenciais, Coolidge foi eleito devido sua notória honestidade, governou o país por quatro anos e recusou-se a candidatar-se às eleições de 1928, com isso, o Partido Republicano indicou o engenheiro e Secretário do Comércio Herbert Hoover, que ficou conhecido como um dos mais famosos tecnocratas⁶ de sua geração.

A década de 1920 foi um período ora de prosperidade ora de decadência norte-americana, as indústrias como a automobilística, a cinematográfica, a de química e a de rádio se desenvolveram, o governo expandiu suas responsabilidades para com a nação, criou fundações e organizações administrativas, expandiu também reservas monetárias e de crédito, as quais contribuíram com a economia nacional, adotou um planejamento urbano a fim de oferecer qualidade de vida à toda população norte-americana e de alocar os fazendeiros vindos de suas terras em direção à cidade em busca de outros meios de sobrevivência, uma vez que o campo não rendia mais lucros como antigamente.

Nos Estados Unidos, estabelecem-se associações para promover a segurança pública, o comércio, a indústria, a moralidade e a religião. Não há fim que a vontade humana desista de atingir através do poder combinado de indivíduos unido numa sociedade. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 112)

⁶ Tecnocrata: Estadista ou alto funcionário que busca apenas soluções técnicas e racionais para a solução de problemas e que desconsidera aspectos humanos e sociais.

Em 1926, os Estados Unidos era uma grande potência econômica no cenário internacional, diferentemente de outros países que ainda se recuperavam das crises econômicas deixadas pela Primeira Guerra Mundial, porém, em 1929, o país passou a notar sinais de problemas econômicos, a demanda por produtos industrializados diminuiu consideravelmente, o preço dos mesmos foi reduzido e conseqüentemente a produção passou a ser em menor escala, em 29 de outubro daquele ano estes sinais se tornaram mais intensos e resultaram na Terça-Feira Negra, dia em que ocorreu a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque. O período que seguiu após esta data ficou mundialmente conhecido como a Grande Depressão, todos foram afetados pela inflação e alguns países atingiram a hiperinflação, o desemprego atingiu uma taxa de 25%, os Estados Unidos e outros países que sofriam com suas frágeis economias, entraram em colapso.

Os motivos que levaram a esta depressão econômica são diversos, o principal deles foi a má distribuição de renda, sendo que mais da metade das famílias norte-americanas vivam sob a linha de subsistência com um salário que não acompanhava o crescimento industrial, logo, não tinham recursos para consumir os produtos industrializados, ocasionalmente, mal tinham dinheiro para se alimentar, enquanto isso, as indústrias investiam em melhorias e produziam em grande escala, bens que não seriam comprados por estas famílias, representantes de grande parcela da população do país, mas que seriam comprados apenas por uma pequena parcela de pessoas que possuíam poder aquisitivo.

Outro motivo foi a falta de investimento em diversidade industrial, a prosperidade econômica do país dependia, principalmente, da indústria automobilística e de construção, que por sua vez, passaram a enfrentar uma drástica diminuição de vendas e declinou em 1926, com isso o país não tinha outras indústrias fortes o suficiente para se apoiar e superar o déficit econômico causado pela ausência das indústrias supracitadas. Outro fator que provocou a grande depressão foi a queda dos preços de produtos agropecuários que resultou em dois problemas econômicos: a falência de pequenos fazendeiros, que por sua vez, não tinham dinheiro suficiente para pagar suas dívidas e a falência do sistema bancário agropecuário. O quarto motivo foi o declínio do comércio internacional que ocorreu devido a adoção de medidas protecionistas nos Estados Unidos, como por exemplo altas tarifas alfandegárias cobradas sobre produtos importados, em resposta, outros países adotaram as mesmas medidas, inibindo que produtos norte-americanos entrassem em seus territórios, isso

resultou em uma drástica diminuição de exportações estadunidenses. O quinto e último fator, foram os empréstimos norte-americanos à países envolvidos na Primeira Guerra, que com suas economias domésticas enfraquecidas, não conseguiam quitar suas dívidas com os Estados Unidos.

A fim de superar ou minimizar os danos causados pela crise econômica, cada país adotou determinadas medidas, em 1932 o presidente Franklin Delano Roosevelt prometeu aos Estados Unidos o *New Deal*, plano econômico que marcou a administração Roosevelt e que tinha como princípio a regulação do governo na economia nacional através das seguintes atividades: investimentos em obras públicas como construção de escolas, hospitais, usinas, aeroportos, rodovias e outras obras que gerariam empregos; criação de novas leis a fim de controlar e fiscalizar o mercado financeiro para que não houvessem fraudes; fiscalização da produção e dos preços cobrados pelas indústrias para controle dos estoques e da inflação; subsídios e empréstimos ao setor agrícola para o aumento de sua produção e de emprego; criação de medidas sociais como previdência social, seguro desemprego e aposentadoria para idosos a partir dos 65 anos e diminuição da carga horária de trabalho para que assim a empresa tivesse que contratar mais funcionários.

No início da década de 1930, o governo havia aumentado seus gastos públicos, em contrapartida, o índices econômicos apresentavam resultados positivos, a taxa de desemprego foi reduzida, as famílias que antes viviam sob a linha de subsistência, aumentaram sua renda e as indústrias voltaram à prosperar no mercado interno e externo, desta forma os danos causados pela grande depressão foram minimizados e a população, exceto o grupo dos conservadores, passou a dar maior apoio à administração de Roosevelt, o que garantiu sua reeleição em 1936.

Em seu segundo mandato, o governo Roosevelt passou a ser visto como um agente que beneficiava somente setores econômicos estratégicos, em outras palavras, ele beneficiava indústrias, grandes fazendeiros e trabalhadores, para que estes últimos pudessem consumir do mercado interno, sendo que os três grupos juntos eram capazes de oferecer um retorno ao investimento governamental ocorrido no *New Deal*, enquanto os pequenos fazendeiros e os afro-americanos ainda vítimas de marginalização, pouco eram beneficiados pelos planos econômicos governamentais, porém, com as pressões exercidas por estes e também por grupos trabalhistas sobre as indústrias, que por sua vez pressionavam o governo, este último não tinha outra opção além de oferecer auxílios sociais às classes mais necessitadas, àqueles ainda desempregados e proteção

aos trabalhadores, como por exemplo a construção de moradias de baixo custo e garantia dos direitos dos sindicatos.

Grupos esquerdistas acreditam que o governo tenha cedido à estas exigências somente porque o setor industrial o pressionou e também porque o *New Deal* é um plano predominantemente econômico que visa atender aos interesses comerciais e industriais do país, que garantiu mais poder às grandes indústrias e aos comerciantes, e mesmo com algumas medidas socioeconômicas, não foi capaz de garantir o fim da pobreza ou exploração das classes mais baixas. Tocqueville define este quadro de pobreza como:

[...] Uma nação pode apresentar fortunas imensas e miséria extrema; mas, a não ser que essas fortunas sejam territoriais, não há verdadeira aristocracia, as simplesmente a classe dos ricos e a dos pobres. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 51)

Em 1936, como uma medida compensatória, o presidente Roosevelt concedeu cargos de segunda instância à cidadãos afro-americanos, porém, acredita-se que este feito não tenha sido uma iniciativa particular de seu governo, mas sim uma proposta de sua esposa Eleanor Roosevelt, uma defensora dos direitos humanos, direitos das mulheres e do fim da discriminação, visto que o próprio presidente não considerava os afro-americanos um grupo economicamente interessante para o país e não encarava a discriminação racial como um grande problema social, seu objetivo era solucionar outros problemas considerados mais importantes, principalmente os relacionados aos cidadãos brancos localizados no sul, os quais davam grande apoio ao Partido Democrata.

Para manter uma relação estável com seus eleitores sulistas, Roosevelt não aprovou leis que classificariam o linchamento como um crime, não utilizou organizações de assistência social em prol do fim da discriminação, estabeleceu aos afro-americanos um salário inferior ao dos norte-americanos e não fornecia crédito à afro-americanos que moravam em bairros destinados à população branca.

Somente a partir de 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos superaram definitivamente a grande depressão, pois os investimentos governamentais de 1939 a 1944 foram maiores do que aqueles do *New Deal* uma vez que o país precisava produzir alimentos, armamentos bélicos e outros suprimentos para si mesmo e para exportar à outras países para que pudessem enfrentar a guerra, logo

precisava de muitos trabalhadores nas linhas de produção, isso resultou em uma diminuição de 12% da taxa de desemprego. No primeiro ano de guerra, os Estados Unidos não era um dos envolvidos, era somente um fornecedor de armamentos para o Reino Unido, China e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, porém, ao ser bombardeado pelo Japão em Pearl Harbor no Havaí, os Estados Unidos se uniram aos Aliados e se posicionaram contra o Eixo composto pela Alemanha, Itália e Japão.

A entrada dos Estados Unidos na guerra foi um fator primordial para a vitória dos Aliados e o fim da guerra em 1945, deixando registrado 60 milhões de mortos, dentre eles civis e militares.

Após a guerra, os Estados Unidos passaram a ser considerado um país vencedor, não somente em sentido literal pelo vencimento da guerra, mas também porque seu território estava praticamente intacto, sua economia havia superado completamente a depressão e prosperava, parte das economias mundiais devastadas pela guerra dependiam de suas exportações, que tiveram um aumento de 340%. Com esta conquista de novos mercados, os Estados Unidos governado pelo presidente Harry Truman, expandia seu capitalismo pela Europa, simultaneamente, a União Soviética que utilizava o socialismo como modelo econômico, se afastava dos Estados Unidos, do seu mercado e das organizações internacionais criadas por ele, como o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Para se defender da ameaça socialista originada da União Soviética, os Estados Unidos criaram o Plano Marshall, um investimento de 12 milhões de dólares em países da Europa Ocidental para ajudar em suas reconstruções e em 1949 o país juntamente a nações europeias criaram a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), uma aliança militar que garantia a defesa de seus membros em casos de ataques. Em resposta à expansão capitalista norte-americana e à aliança atlântica, Stalin estabeleceu uma aliança com a República Popular da China, uma integração econômica com países da Europa Oriental e uma aliança militar com países do leste europeu, o Pacto de Varsóvia.

Esse foi o início da Guerra Fria, um conflito ideológico entre capitalistas e socialistas, uma corrida armamentista em que não houveram ataques diretos entre os principais atores, Estados Unidos e União Soviética, caso contrário, o mundo enfrentaria uma guerra nuclear, os atacados eram países aliados à estes, tais como Cuba, Coreia do Sul e Coreia do Norte, como uma forma de mostrar poder durante os ataques e evitar que a ideologia da oposição se expandisse.

A guerra terminou na década de 1990, período em que a União Soviética enfrentava crises políticas, econômicas e precisava de uma reestruturação, portanto, seu presidente Mikhail Gorbachev implantou a *Glasnot*, plano de reforma política e a *Perestroika*, plano de reestruturação econômica que abria a União Soviética à novos mercados inclusive ao mercado capitalista dos Estados Unidos.

Nos Estados Unidos por sua vez, país que foi governado pelo presidente Dwight David Eisenhower de 1953 a 1961, a classe alta e branca vivenciava um período de prosperidade, liberdade e democracia e desde o fim da segunda guerra, enquanto os cidadãos afro-americanos sofriam discriminação racial, viviam em bairros periféricos e os poucos que viviam em bairros nobres, eram vítimas de ataques físicos e psicológicos, crianças afro descendentes frequentavam escolas para negros, não podiam utilizar o transporte público, enfrentavam crises econômicas ocasionadas pelo desemprego ou pelo salário inferior, enfrentavam também crises políticas, seus votos eram boicotados e os governos estadual e federal, nada faziam para protegê-los.

Em 1954 os cidadãos afro-americanos, com o apoio de poucos norte-americanos, iniciaram os movimentos de direitos civis, protestavam pela paz e pelo fim da segregação através de meios pacíficos, com o intuito de ganhar a atenção da mídia, do Congresso e da presidência, porém, estes movimentos eram constantemente reprimidos por militares e por cidadãos extremistas, que soltavam cães policia nas ruas, utilizavam chicotes, cassetetes e jatos de água, prendiam manifestantes sem justa causa, e em casos extremos os sequestravam e os assassinavam. Sobre os movimentos, Tocqueville define que:

O privilégio mais natural do homem, depois do direito de agir por si próprio, é o de combinar seus esforços com os de seus semelhantes, e de agir em comum com eles. O direito de associação, portanto, parece-me quase tão inalienável em sua natureza como o direito da liberdade pessoal. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 115)

Sem um considerável apoio governamental, os ativistas deste movimento encontraram o apoio necessário em instituições religiosas que se tornaram cortes populares e que eram dirigidas por seus ministros, dentre eles estava líderes mais conhecidos deste movimento de direitos civis dos negros, Martin⁷ Luther King, um grande ativista que se tornou mundialmente conhecido pela sua campanha e discurso “I have a dream” que tinham como princípio o amor ao próximo e a manifestação através

⁷ Anexo D

da não negros, os quais lhe renderam o prêmio Nobel da Paz em 14 de outubro de 1964 e foi assassinado em 1968.

[...]Eu tenho um sonho que um dia essa nação levantar-se-á e viverá o verdadeiro significado da sua crença: “Consideramos essas verdades como auto-evidentes que todos os homens são criados iguais.” Eu tenho um sonho que um dia, nas montanhas rubras da Geórgia, os filhos dos descendentes de escravos e os filhos dos descendentes de donos de escravos poderão sentar-se juntos à mesa da fraternidade. Eu tenho um sonho que um dia mesmo o estado do Mississippi, um estado desértico sufocado pelo calor da injustiça, e sufocado pelo calor da opressão, será transformado num oásis de liberdade e justiça. Eu tenho um sonho que meus quatro pequenos filhos um dia viverão em uma nação onde não serão julgados pela cor da pele, mas pelo conteúdo do seu caráter. Eu tenho um sonho hoje. Eu tenho um sonho que um dia o estado do Alabama, com seus racistas cruéis, cujo governador cospe palavras de “interposição” e “anulação”, um dia bem lá no Alabama meninos negros e meninas negras possam dar-se as mãos com meninos brancos e meninas brancas, como irmãs e irmãos. Eu tenho um sonho hoje. Eu tenho um sonho que um dia “todos os vales serão elevados, todas as montanhas e encostas serão niveladas; os lugares mais acidentados se tornarão planícies e os lugares tortuosos se tornarão retos e a glória do Senhor será revelada e todos os seres a verão conjuntamente”. [...] E quando isso acontecer, quando permitirmos que a liberdade ressoe, quando a deixarmos ressoar de cada vila e cada lugar, de cada estado e cada cidade, seremos capazes de fazer chegar mais rápido o dia em que todos os filhos de Deus, negros e brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão dar-se as mãos e cantar as palavras da antiga canção espiritual negra: Finalmente livres! Finalmente livres! Graças a Deus Todo Poderoso, somos livres, finalmente. (KING, Martin Luther, 1964).

Em 1957, o movimento dos direitos civis ganhou novos adeptos, estudantes passaram a fazer parte das manifestações pacíficas e organizações criadas pela igreja, como a Conferência Sulista de Liderança Cristã que coordenava movimentos locais e o Comitê Não Violento de Coordenação Estudantil que defendia os direitos de voto de cidadãos afro-americanos. De 1961 a 1963 a presidência estava sob o governo de John Fitzgerald Kennedy, que não cumpriu seu mandato devido seu assassinado. Kennedy era um político que apoiava os movimentos de direitos civis dos negros e que colocou um fim à segregação que existia nos locais e serviços públicos e iniciou processos em defesa do direito eleitoral dos cidadãos afro-americanos. Porém, mesmo com iniciativas governamentais, os movimentos ainda sofriam grande oposição, principalmente o líder Martin Luther King, por parte de John Edgar Hoover, diretor do FBI, que via uma ameaça comunista nos movimentos de direitos civis. Após o assassinato de Kennedy em 1963, seu vice assumiu o poder e prometera dar continuidade na agenda política de Kennedy, por isso criou em 1964 o Ato do Direitos Civis, que um ano depois, garantiu o registro de 250 mil eleitores afro-americanos.

Nas eleições presidenciais de 1964, o eleito foi o democrata Lyndon Johnson, um político moderado que juntamente aos partidos Republicano e Democrata criou novas políticas sociais contra a pobreza que se deram através de programas assistencialistas como ajuda financeira, vale-comida, sistema de saúde público que cobria gastos médicos de idosos e de famílias de baixa renda.

A condição social é comumente o resultado de circunstâncias, as vezes de leis, mais vezes ainda destas duas causas unidas; mas uma vez estabelecida, pode ser, justamente, considerada a própria fonte de quase todas as leis, usos e ideias que regulam a conduta das nações: seja p que for que ela não produz, ela modifica. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 60)

Com o fim de seu mandato em 1968, houveram novas eleições e o eleito foi Richard Nixon do Partido Republicano, que em suas campanhas conquistava cidadãos que eram contra a cultura hippie que emergia na época, prometia paz com honra e propunha um “plano secreto” para retirar os Estados Unidos da guerra do Vietnã, sendo esta, uma vontade predominante entre os cidadãos. Porém, o governo Nixon não foi como o esperado, a prosperidade que habitava o país desde o fim da Segunda Guerra Mundial sofreu um declínio após outras economias mundiais se recuperarem da guerra e assim gerar forte concorrência entre as indústrias norte-americanas e indústrias internacionais, resultando em inflação e desaceleração do crescimento econômico, que deveriam ser controlados através do aumento de impostos e diminuição dos gastos governamentais, proposta que foi rejeitada pelo Congresso e que obrigou Nixon adotar o controle de câmbio do dólar para estimular exportações e aumento das taxas de juros, os quais não foram suficientes para o equilíbrio da economia nacional, o que elevou em 15% o custo de vida no país.

Nixon então adotou um segundo plano, o congelamento de preços e salários que resultou em um temporário controle, mas também em desemprego, então foi adotado um terceiro plano, o de expansão monetária e fiscal e remoção das restrições sobre preços e salários, resultando novamente na inflação. Nixon não encontrava outras alternativas além de iniciar uma política internacional agressiva em suas exportações e cortes nos orçamentos destinados a assistências sociais. Nixon foi reeleito nas eleições de 1972 com 61% dos votos, porém sua popularidade caiu drasticamente em 1974 quando repórteres investigativos divulgaram o envolvimento do presidente em casos de corrupção, de assalto e de operações ilegais contra seus concorrentes na sede do Comitê Nacional Democrata localizada no complexo Watergate, Washington. Imediatamente a

Suprema Corte iniciou o julgamento do presidente e abertura do processo de impeachment, que não foi concluído devido as pressões que levaram o presidente à renúncia, deixando o cargo ao vice-presidente Gerard Ford.

Nas eleições de 1976, o eleito foi o sulista Jimmy Carter, que teve seu mandato marcado pelas tentativas da promoção da paz entre e em diferentes países, como por exemplo sua mediação na ratificação do Acordo de Camp David que promovia a paz entre Egito e Israel, resgate dos norte-americanos reféns na embaixada americana em Teerã, no Irã, que entretanto, não foi realizado com êxito e fez com que povo perdesse a confiança no governo norte-americano que anteriormente, havia adotado políticas internacionais agressivas com a promessa de controlar o cenário internacional, além disso, os Estados Unidos enfrentavam novamente uma crise econômica e social causadas pela crise do petróleo, a qual gerou inflação e afetou principalmente a indústria automobilística e as classes sociais próximas a linha da pobreza, gerando altas taxas de desemprego e deixando muitos cidadãos desabrigados que tornaram-se dependentes da assistência governamental para sobreviver, porém, muitos grupos extremistas eram contra este tipo de ajuda. Diante deste contexto, o governo tornou-se insustentável e Carter não foi reeleito.

Em 1980, nas novas eleições presidenciais, o eleito foi o republicano e ex-governador da Califórnia Ronald Reagan que em suas campanhas, falava sobre um governo com novas políticas internacionais ainda mais agressivas, desvinculava políticas e programas assistencialistas das responsabilidades governamentais e prometia a nova prosperidade da economia norte-americana que beneficiaria, supostamente, à todas as classes, para tanto, Reagan reduziria os impostos e parte dos programas sociais oferecidos pelo governo, desta forma, agradaria a elite, maior parcela da população e desagradaria a classe baixa, porém não a ponto de se manifestarem contra o governo federal. Ao assumir a presidência, o diretor orçamentário de Reagan apresentou à Câmara dos Representantes e ao Senado os novos programas administrativos criados pelo presidente para que estes órgãos os aprovassem e fossem colocados em prática em um prazo de 40 dias.

O governo realizou um corte de 40 bilhões de dólares no orçamento que era destinado a instituições como escolas, hospitais, proteção ao meio ambiente entre outras, somente setores militares não sofreram reduções de suas verbas. Os setores mais atingidos pela administração Reagan iniciaram processos judiciais para que o governo

mantivesse os programas assistencialistas, porém, estes foram negados pelo poder judiciário e com isso, Reagan pôde dar continuidade em sua administração.

Após dois anos de mandato, os planos econômicos de Reagan não apresentavam os resultados esperados, o país enfrentava a maior crise econômica desde a Grande Depressão, as taxas de desemprego se elevaram à 10%, as taxas de juros aumentaram em 20%, o governo fez empréstimos para pagar suas dívidas e a população estava descontente com o mesmo, principalmente porque economistas e o diretor de orçamento governamental haviam advertido o presidente antes de iniciar este plano econômico. Reagan adotou outro planejamento econômico a fim de reestabelecer a economia, passou a utilizar políticas de expansão fiscal que juntamente a queda do preço do petróleo, contribuíram para a melhoria da economia e aumento do produto interno bruto em 1983.

Nas eleições de 1988 o resultado foi favorável para o republicano George H. W. Bush, que teve seu governo marcado pela Guerra do Golfo, uma disputa entre Estados Unidos e Iraque sobre reservas petrolíferas localizadas no Oriente Médio e que era de grande interesse econômico para ambos os países; para os Estados Unidos porque era o insumo da maioria de suas indústrias e para o Iraque que, com o lucro das exortações, pagaria suas dívidas geradas na guerra contra o Irã.

O conflito chegou ao fim quando Estados Unidos e Reino Unido convenceram o Conselho de Segurança da ONU a estipular um prazo que Saddam Hussein desocupasse o Kuwait, o qual não foi considerado por Saddam e então os Estados Unidos atacou o Iraque, resultando na morte de 20 mil iraquianos e 472 norte-americanos. O triunfo de Bush nesta operação militar não foi suficiente para reelegê-lo nas eleições de 1992, pois o país enfrentava novamente uma crise econômica e uma onda de violência, principalmente em grandes centros urbanos e a população buscava por um candidato que capaz de realizar melhorias neste cenário.

Portanto, o eleito em 1992 foi o candidato Bill Clinton, o presidente mais jovem da história norte-americana que em seu discurso de posse declarou:

[...] hoje, à medida que uma velha ordem passa, o novo mundo é mais livre, mas menos estável. O colapso do comunismo trouxe velhas tensões e novos perigos. Claramente, os Estados Unidos devem continuar a liderar o mundo, como nós assim fizemos no passado. (CLINTON, Bill1992).

Sua campanha política era voltada para a resolução de problemas internos, sendo que duas de suas medidas resultaram na queda de sua popularidade, são elas: a inclusão de homossexuais nas forças armadas e a criação de um sistema público de saúde, uma proposta de sua esposa Hillary Rodhan Clinton. Ambas propostas geraram grande insatisfação dos membros do Congresso que representavam o Partido Republicano e a direita, os quais alegavam que o governo deveria diminuir suas responsabilidades ao invés de aumentá-las, para que assim, pudesse resolver problemas mais urgentes. Entretanto, Clinton tinha grande apoio do Partido Democrata, dos liberais e dos moderadores que aprovavam a nova democracia instituída por ele. De 1996 a 2000, Clinton propôs e realizou reformas sociais e econômicas, reformulou o sistema de assistência social que passou a exigir o exercício de atividades trabalhistas para que o indivíduo fosse beneficiado pelos programas de ajuda socioeconômica governamentais e também estipulou um tempo limite para usufru deste sistema, criou também atos contra a criminalidade e iniciou uma luta contra o uso de drogas, visto que ambos problemas vinham crescendo no país. Em segundo mandato, a economia norte-americana prosperava, fechando um orçamento superávit, o que não ocorria no país há 30 anos.

O governo de Clinton, apesar da prosperidade, foi marcado por escândalos pessoais do presidente, ele foi acusado de adultério antes de assumir a presidência e depois, em 1998 quando rumores espalhados pelo afirmavam que Clinton tinha relações sexuais com a estagiária Monica Lewinsky, o presidente, porém, negava tais acusações e sua esposa, Hillary, dizia que estes rumores foram criados pela oposição com o objetivo de derrotar Clinton. Após um período de investigações e negações, o presidente revelou a verdade e foi iniciado pela Câmara dos Representantes um processo de impeachment contra ele que o acusava de perjúrio, porém o processo foi negado pelo Senado e anulado

Nas eleições de 2001, o eleito foi George W. Bush, filho do ex-presidente George H. W. Bush, o qual teve um governo inicialmente próspero, porém, no fim de seu primeiro ano de mandato, o país enfrentava novamente uma recessão econômica que resultou em nove meses de altas taxas de desemprego, declarações de falência e queda nas produções. Outro acontecimento que marcou drasticamente o início e todo o mandato de Bush, foi o atentado de 11 de setembro de 2001, a maior ação e violação inimiga ocorrida em território norte-americano, quando quatro aviões das maiores empresas aéreas do país se chocaram contra o World Trade Center, Nova Iorque e contra O

Pentágono, Virgínia, deixando cerca de 3 mil mortos e marcando a história estadunidense. Depois deste episódio, Bush declarou, abertamente, guerra contra a Al Qaeda, grupo terrorista comandado por Osama bin Laden e declarou também que os atores do cenário internacional que não estivessem ao seu lado, estariam automaticamente contra ele.

Em 7 de outubro daquele mesmo ano, Bush respondeu ao atentado com uma invasão ao Afeganistão, país que abrigava o Al Qaeda e que era governado pelo Taliban, utilizando forças especiais norte-americanas e com o apoio do Reino Unido, Canadá e Austrália destituiu o governo. Porém as tensões e conflitos continuaram à medida que o governo norte-americano afirmava ao mundo que a Coreia do Norte, Irã e Iraque eram um “eixo do mal” que praticava o terrorismo e por isso deveria ser detido.

A missão antiterrorismo teve início com a busca do ditador iraquiano Saddam Hussein que, de acordo com o governo Bush, apoiava o terrorismo e representava uma ameaça à humanidade ao portar armas químicas, biológicas e nucleares, porém, o Conselho de Segurança da ONU vetou a invasão e os países aliados aos Estados Unidos não acreditavam que tais evidências eram suficientes para justificar um ataque militar no Iraque, portanto, o país realizou a invasão por sua conta em 20 de março de 2003, enviou suas tropas militares e arcou com os custos da operação que matou os dois filhos de Saddam e o capturou em dezembro de 2006.

Em 2004, Bush foi reeleito, porém, em 2005 perdeu parte do apoio nacional recebido para a invasão ao Iraque devido os custos desta que totalizavam um valor de 200 bilhões de dólares e da perda de cerca de 2 mil soldados, além de perder também o apoio de parte da comunidade internacional, que atingiu um descontentamento recorde com os Estados Unidos que passou a ser criticado pela Europa por agir somente em prol de seus interesses e por países Islâmicos que o achavam arrogante e responsável por disseminar no mundo uma imagem pejorativa do Oriente Médio.

Bush, porém, seguia determinado em sua guerra contra o terrorismo, e como uma medida de proteção nacional reformulou as leis de imigração que tinha por objetivo o controle mais rígido de imigrantes no país para evitar a entrada de grupos terrorista e que classificava como criminosos aqueles que protegessem imigrantes ilegais. Estas novas leis foram motivos de manifestações entre imigrantes ilegais e legais e simpatizantes que protestavam pela facilitação de acesso ao país, enquanto apoiantes das novas leis apontava os riscos que imigrações ilegais oferecem ao país.

da soberania do povo que devemos começar. O princípio da soberania do povo, que se encontra sempre, mais ou menos, no fundo de quase todas as instituições humanas, lá permanece, geralmente, escondido de vista. É obedecido sem ser reconhecido, ou se por um momento é trazido à luz, é precipitadamente reconduzido à escuridão do santuário. (...) Na América, o princípio da soberania do povo não é estéril nem está escondido, como sucede em outras nações; é reconhecido pelos costumes e proclamados pelas leis; espalha-se livremente e chega sem impedimento às suas consequências mais remotas (TOCQUEVILLE, 1835, p. 67)

Em 2008, o advogado, político e defensor dos direitos civis Barack Obama foi eleito presidente, o primeiro afro-americano a governar o país. Ao assumir a presidência, Obama teve que lidar com uma crise financeira mundial que teve início em 2007 e para combatê-la, o presidente propôs um estímulo econômico-social no valor de 787 bilhões de dólares que seria destinado à saúde, educação, infraestrutura, programas de assistência e incentivos fiscais, além da redução temporária de impostos e do aumento do salário mínimo durante seus dois mandatos, que mais tarde, resultou na diminuição das taxas de desemprego, salvou da falência grandes empresas, elevou o PIB. Porém, o governo adquiriu uma dívida que aumentou 22% de 2009 a 2014, que tentou ser controlada pelo Partido Republicano quando este, nas eleições de 2010, retomaram o controle da Câmara e propuseram cortes nos gastos públicos, porém as distintas ideologias do partido e do presidente, dificultaram as negociações.

Obama deu continuidade às suas políticas e em 2010 criou o *Obamacare*, um programa que obrigava as seguradoras a oferecer tratamento igualitário, independentemente do sexo ou histórico de saúde do paciente, por um preço justo, elevou o número de mulheres na Suprema Corte, declarou abertamente em seus discursos seu apoio à igualdade e liberdade dos homossexuais, bem como a legalização do casamento gay que foi aprovado pela Suprema Corte em abril de 2015 sob o princípio de este é um direito fundamental das pessoas do mesmo sexo.

Obama aprovou também uma nova lei que classifica como crime de ódio, atentados contra qualquer identidade de gênero e revogou a lei de 1993 que proibia o ingresso de homossexuais nas forças armadas, estabeleceu medidas de reinserção de ex-presidiários em sociedade e propôs projetos de reforma imigratória em defesa dos imigrantes ilegais, inclusive para que estes recebessem cidadania norte-americana desde que estes estivessem inscritos nas forças armadas e no ensino superior, porém, muitas destas propostas eram vetadas pela justiça.

Contraditoriamente, o governo Obama foi acusado de violar direitos civis como o direito à privacidade e a liberdade de expressão, ao espionar usuários de internet,

justificando esta ação como uma defesa do interesse máximo e meio de segurança nacional, sendo que antes de assumir a presidência, Obama criticava as excessivas medidas governamentais de proteção e além disso, o seu governo também foi acusado de realizar práticas de tortura nos prisioneiros de Guantánamo⁸, presídio destinado à acusados de atentado contra os Estados Unidos, dentre estas práticas estavam afogamento, espancamento, humilhação religiosa e sexual, exposição a temperaturas extremas e proibição ao sono.

Na política externa, Obama declarou-se um internacionalista de personalidade realista e intervencionista liberal, que utilizaria estratégias diplomáticas ao invés de ataques militares, que defendia a redução de armas e a não proliferação de armas nucleares e que estava disposto a reestabelecer a paz entre Estados Unidos e Oriente Médio, para tanto iniciou a retirada das forças armadas norte-americanas do território iraquiano, o que ocasionou na maior liberdade do governo do Iraque, o xiita, que se tornou um ditador na região e provocou o surgimento de grupos radicais, como o Estado Islâmico (EI), grupo sucessor do Al Qaeda que estendeu suas ações para o território Sírio que já estava devastado pela guerra civil. Em resposta, os Estados Unidos passaram a perseguir o EI, realizaram ataques aéreos que atingiram vários terroristas, mas atingiram também civis, fazendo um elevado número de vítimas.

O sucessor de Obama e atual presidente dos Estados Unidos é Donald John Trump, empresário e republicano eleito em 2016 que desde sua campanha eleitoral tem dividido opiniões e provocado críticas da mídia e de outros políticos devido à escândalos de sua vida pessoal relacionados à acusações de assédio sexual e machismo, além de sua forma de governo protecionista e nacionalista, porém, também tem atraído muitos conservadores e empresários que veem em Trump, como uma ótima oportunidade econômica, comercial e de proteção aos Estados Unidos. Na presidência há dez meses, Trump está ainda por executar suas propostas, por isso, ainda não é possível descrever seu mandato com exatidão, entretanto, as minorias norte-americanas temem que o atual presidente seja uma ameaça à democracia, sobre este tema, Tocqueville afirma:

As leis da democracia americana são frequentemente, defeituosas ou incompletas; as vezes atacam interesses adquiridos ou sancionam outros perigosos para a comunidade; pois, ainda que fossem boas, a frequência com que se multiplicam já seria um grande mal. Contudo podem, então, prosperar

⁸ Anexo C

e continuar as republicas americanas? (TOCQUEVILLE, 1835, p. 118)

Capítulo 3 – As Eleições Norte-Americanas de 2017

O sistema eleitoral norte-americano foi criado pelos fundadores da União no século XVIII, neste modelo o candidato é eleito pelo Colégio Eleitoral, órgão que se reúne somente a cada quatro anos para eleger o presidente e que é composto por 538 representantes estaduais, sendo que Estados com maior número populacional tem direito à um maior número de representantes, o Alasca por exemplo, é um Estado pequeno, logo possui somente 3 representantes, número mínimo no Colégio Eleitoral, enquanto a Califórnia, maior Estado norte-americano, possui 55 representantes.

Primeiramente é realizada uma votação popular estadual, para que os Estados entrem em um consenso a respeito de seu candidato, em seguida, os delegados representantes destes Estados levam ao Colégio Eleitoral os resultados das eleições populares e realizam a votação final, ou seja, se o Estado da Califórnia elegeu Donald Trump em suas eleições estaduais, este será votado 55 vezes nas eleições finais realizadas no Colégio Eleitoral, se o Alasca elegeu o mesmo candidato, este será votado mais 3 vezes e assim sucessivamente, até que um dos candidatos à presidência receba o voto da maioria absoluta, ou seja, 275 votos.

Existem dois Estados, porém que não utilizam esta sistema, são eles Maine e Nebraska, que se dividem em distritos e cada um destes tem direito à um voto direto no Colégio Eleitoral, além disso, o candidato eleito por estes Estados tem automaticamente 2 votos extras nas votações finais.

Quarenta dos cinquenta Estados norte-americanos seguem suas tradições eleitorais, a Califórnia por exemplo, vota em candidatos do Partido Democrata desde 1992 e o Texas vota em candidatos do Partido Republicano desde 1980, isso faz com que os candidatos de cada partido realizem suas campanhas eleitorais somente em regiões onde serão votados pois é pouco provável que um Estado mude de partido. Porém, existem ainda dez Estados que não seguem tais tradições eleitorais, como por exemplo Flórida, Ohio, Pensilvânia dentre outros, que se tornam alvos de campanhas eleitorais de ambos os partidos.

Este sistema eleitoral é, em períodos de eleições, tema de discussão devido sua complexidade e também por ser visto como um modelo oposto à democracia porque o candidato não é eleito diretamente pelo povo, mas sim pelos Estados que compõem o

país, portanto, é comum que o candidato mais votado pela população, não vença as eleições, mas sim aquele votado pelos Estados que possuem mais delegados representantes. Um fato curioso, porém, é que as eleições norte-americanas têm expressado a vontade popular, pois ao longo da história dos Estados Unidos, em 48 das 52 eleições presidenciais, os presidentes eleitos receberam também o maior número de votos nas eleições populares estaduais.

Nas eleições presidenciais de 2016 haviam cerca de 1800 candidatos, isto acontece porque para candidatar-se à presidência, desde que atendendo aos pré-requisitos de ter no mínimo 35 anos e ser residente no país há pelo menos quatorze, é possível ser indicado por um partido como candidato independente, o qual deve reunir 800 mil assinaturas em uma petição para ter seu nome escrito nas cédulas eleitorais ou candidato inscrito, o qual não tem seu nome escrito nas cédulas eleitorais portanto o eleitor deve escrevê-lo no momento do voto, sendo dentre estas classificações, a primeira é mais conhecida e votada. Dentre este número de candidatos nas últimas eleições, os mais populares eram Hillary Clinton do Partido Democrata e Donald Trump do Partido Republicano.

Hillary Clinton é advogada e cientista política, construiu sua carreira através da conquista de grandes cargos públicos, já foi Secretária de Estado, Senadora e assessora jurídica do Congresso, além disso, esteve presente ou na liderança de grandes iniciativas sociais, como por exemplo seu título de co-fundadora da associação Advogados em Defesa das Crianças e Famílias do Arkansas, sua luta pela reforma do sistema público de saúde e pela igualdade de gênero. Hillary também já foi Primeira Dama durante o mandato de seu marido e ex-presidente Bill Clinton, período em que a mesma comandou a reforma do sistema educacional do Estado de Arkansas e, mais tarde, em 2013, juntamente à sua filha e marido, criou a Fundação Clinton, a qual tratava de temas relacionados à infância, dentre eles a problemática da matrícula de meninas em escolas de todo o mundo.

Em 12 de abril de 2015, com o apoio político do ex-presidente Barack Obama, Hillary anunciou, oficialmente, sua candidatura às eleições presidenciais norte-americanas de 2016, o que representou um marco para a história eleitoral do país e uma evolução social para as mulheres pois esta foi a primeira mulher norte-americana a candidatar-se à presidência através de um grande partido político. Durante o período que se seguiu às campanhas eleitorais, pesquisas apontavam que Hillary tinha o maior número de votos popular, porém, nas eleições em 8 de novembro de 2016, a candidata

perdeu nas votações do Colégio Eleitoral para o candidato Donald Trump, Clinton aceitou a derrota e declarou que desejava, apenas, que Trump fosse um bom presidente para o país.

Dentre suas iniciativas e destaques na vida política e em projetos sociais, Hillary também se envolveu em grandes escândalos, os quais voltaram à serem discutidos durante sua campanha eleitoral. Dentre eles, está o uso de uma conta de e-mail em que mensagens pessoais comprometedoras entre ela, seu marido e equipe, foram apagadas e somente mensagens permitidas pela mesma, foram enviadas ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, o qual considerou uma violação às suas normas de comunicação, porém o FBI determinou que Hillary não deveria ser indiciada.

A candidata também foi acusada de estar envolvida juntamente com seu marido, no sistema de corrupção da Fundação Clinton, a qual arrecadou 500 milhões de dólares entre 2009 e 2012, porém, somente 75 milhões foram investidos em iniciativas globais, como o combate à AIDS, apoio ao Haiti, proteção aos elefantes da África, educação para meninas, dentre outras causas. Investigações apontam que os 425 milhões não utilizados para os fins da fundação, foram na verdade utilizados para cobrir gastos pessoais, como viagens, educação e casamento da filha Chelsea Clinton. Em 2012, no posto de Secretária de Estado, Hillary foi acusada de negligência, pois não ofereceu segurança adequada ao consulado norte-americano em Benghazi, na Líbia, o qual sofreu um atentado que resultou na morte de um diplomata e quatro agentes da CIA. Durante sua campanha eleitoral, a candidata foi acusada de ministrar palestras confidenciais em agências bancárias e outros grandes estabelecimentos econômicos da elite financeira da Wall Street, os quais rendiam milhões de dólares à família Clinton. Nestas palestras, Hillary dizia que seu governo cortaria os orçamentos destinados à projetos sociais, o que contradizia seus discursos públicos. Trechos destas palestras foram à público, porém Hillary se negou a falar sobre o assunto.

Donald John Trump anunciou sua candidatura através do Partido Republicano em junho de 2015, ele foi eleito presidente aos 70 anos de idade, o homem mais velho já eleito e um dos poucos das história-norte americana que venceu as eleições apenas pelos votos do Colégio Eleitoral, um total de 290 votos, e não pelas votações populares estaduais. Em seu discurso de posse, defendeu a união dos norte-americanos, elogiou e agradeceu a concorrente Clinton por todos seus serviços realizados em prol do país.

Trump é um político, economista e empresário, em 2016 foi eleito pela revista Forbes o 324º mais rico do mundo e o 113º dos Estados Unidos com uma fortuna de 4,5

bilhões de dólares, herdou de seu pai o negócio da família, a construtora Elizabeth Trump & Son (The Trump Organization), construiu edifícios comerciais, hotéis, cassinos e campos de golfe com sua marca em diversas partes do mundo. Trump é também uma figura televisiva, foi organizador de concursos de beleza, teve pequenas participações em filmes e seriados, foi apresentador e co-produtor de reality show em 2015.

Sobre questões sociais, Trump não tem uma trajetória significativa que pudesse ser considerada em sua campanha, sua atividade de maior destaque foi uma luta contra a AIDS em 1980 através de doações à organizações dedicadas à esta problemática, ademais, ele se absteve no que diz respeito a classe LGBT, o presidente afirmou que estas pessoas devem utilizar, por exemplo, o banheiro que acharem mais apropriado, mais tarde, declarou que apoiava uma emenda na Lei dos Direitos Civis de 1964 referente à proibição da discriminação destes cidadãos, em contradição, Trump afirmou em sua campanha eleitoral que se opunha a legalização nacional do casamento entre pessoas do mesmo sexo imposta pela Suprema Corte, pois esta deveria ser uma decisão particular de cada Estado e que, portanto, a derrubaria se fosse eleito. Nas vésperas da eleição, Trump foi novamente contraditório, ele posou para fotos segurando a bandeira do movimento LGBT e declarou em uma entrevista, que o casamento gay foi legalizado por lei, portanto não entraria mais neste assunto que já havida sido decidido. Trump também é contra o aborto, salvo em situações de risco, estupro e incesto, é a favor do porte de armas e da pena de morte.

Assim como sua concorrente Hillary, Trump teve sua campanha eleitoral envolvida em escândalos pessoais. Em 2015 foi divulgado um vídeo em que o presidente descreve seus métodos de sedução de forma machista e vulgar, após esta divulgação, sua secretária Jill Harth o processou por assédio sexual, 12 mulheres o acusaram por abuso sexual e uma 13ª o acusou por estupro em 1994 quando ela tinha apenas 13 anos, em resposta, Trump negou as acusações e declarou que processaria estas mulheres. Outra polêmica foi acerca dos impostos federais não pagos por Trump durante dezoito anos, esta foi uma reportagem do New York Times, o qual teve acesso à declaração de renda do mesmo feita em 1995, ano em que o presidente diz ter sofrido um prejuízo de 916 bilhões de dólares e se aproveitando desta situação, não efetuou o pagamento de impostos federais sobre seus ganhos até o ano de 2013. Trump também foi criticado por seu comportamento ofensivo expressado em discursos e redes sociais para com seus concorrentes, políticos em geral, jornalistas, atores e países, chamou sua

adversária, Hillary, de trapaceira, a apresentadora norte-americana de gorda, porca e nojenta e os mexicanos de estupradores. Assim como a família Clinton, Trump tem também uma fundação, a Donald J. Trump que tem como objetivo a realização de caridades, porém, em 2013, 45 mil dólares foram desviados para a compra de um quadro de dois metros de altura com a imagem do presidente e também para o financiamento da campanha de procuradora-geral da Flórida de Pam Bondi, advogada que ameaçava iniciar uma investigação por fraude contra a ex-universidade de Donald Trump, que após receber o montante, desistiu das investigações.

3.1 A Propaganda Eleitoral dos principais Candidatos

Em ambas propagandas eleitorais, os candidatos promoveram mais suas características pessoais do que suas respectivas carreiras e propostas políticas, Donald Trump foi visto diversas vezes como um candidato abstrato no que diz respeito às suas propostas, sua propaganda frequentemente dedicava-se à trajetória pessoal e personalidade do mesmo, uma espécie de marketing que destacava suas qualidades como grande empresário, o seu agir racionalmente, sua capacidade de liderança e finalmente, seu sucesso econômico, um conjunto que, supostamente, o tornam altamente qualificado para governar um país.

Hilary Clinton por sua vez, embora apresentasse propostas mais concretas em sua propaganda eleitoral, pouco se difere de Trump no que diz respeito ao marketing pessoal, o qual destacava sua experiência na carreira política, sua influência como mulher, sua capacidade de tomar decisões e seu “conhecimento” sobre os acontecimentos e funcionamento de Washington, o distrito federal.

Os candidatos também se igualam nos ataques eleitorais que realizaram um sobre o outro durante propagandas eleitorais, ao invés de promoverem suas habilidades e propostas políticas, se concentravam mais em denegrir a imagem do outro, Hillary afirmou que os eleitores de Trump são pessoas deploráveis, o que causou grande polêmica e revolta entre os mesmos, ela também utilizou vídeos de cunho machista contendo falas de seu concorrente em seus discursos e questionou se aquele era o tipo de presidente que os Estados Unidos queria. Trump, por sua vez declarou que Hillary, na verdade, estava contra seu próprio país, visto as medias de seguranças e imigratórias

que a mesma iria implantar. As campanhas e propagandas eleitorais tornaram-se despolitizadas, perderam o real foco e deram lugar à um campo de ofensas e apelações.

Dentre as propostas concretas da democrata, haviam medidas referentes à política externa, defesa, economia, saúde, educação, imigração e meio ambiente, as quais tiveram grande aprovação, inclusive internacional e garantiram à candidata vitória nas eleições populares estaduais. Porém, seu histórico pessoal e político ao lado de seu marido e ex-presidente Bill Clinton, ambos envolvidos em casos de corrupção e a mesma em caso de negligência tenham sido, talvez, alguns dos motivos que levaram a derrota de Hillary no Colégio Eleitoral.

No tocante da política externa Hillary declarou que, se eleita presidente, defenderia os valores norte-americano e colocaria os Estados Unidos em posição de líder mundial, para tanto, criaria novas alianças, parcerias e fortaleceria as já existentes, não se intimidaria com o presidente russo Vladimir Putin, manteria a China “sob controle”, cumpriria o acordo nuclear com o Irã, teria boas relações com Israel, enfrentaria grupos terroristas como o Estado Islâmico, bem como outras ameaças ao país e à seus aliados. Hillary, porém, afirmava que seria possível criar um país forte e inteligente sem utilizar medidas drásticas, como tortura, imposição do medo, constante uso da força, dentre outras práticas de *hard power*, no entanto, o país teria um corpo militar de ponta que seria utilizado como último recurso em situações extremas, visto que primeiramente, seriam tomadas medidas diplomáticas como meio de resolução. Nas medidas de defesa, a candidata propunha o aumento de segurança e monitoramento em locais estratégicos como aeroportos, a fim de evitar que grupos terroristas ou outras ameaças entrassem no país.

A democrata reconhece também que as ameaças podem ser domésticas, portanto ela defendeu em sua campanha o maior controle de vendas, porte e uso de armas através de checagens mais rígidas sobre antecedentes criminais, criminalização às pessoas sem antecedentes criminais que compram armas para terceiros que eventualmente seriam proibidos de comprá-las, proibição de acesso à armas para pessoas com histórico de criminalidade, de violência, abuso doméstico ou portador de algum problema psicológico, responsabilização de fabricantes e vendedores em casos de tragédias em massa.

No que diz respeito à economia, Hillary acredita que o aumento econômico familiar pode melhorar a economia do país, portanto a candidata traçou um planejamento para curto e médio prazo, que aumentariam os ganhos familiares. Neste

planejamento estão inseridos investimentos em infraestrutura, pesquisas científicas e médicas a fim de realizar um aumento no salário mínimo e nos salários em geral, igualdade de salários entre os sexos, benefícios fiscais para que as famílias quitem suas dívidas, redução da burocracia para a abertura de novos negócios e benefícios à empresas que investirem na educação e formação de seus colaboradores.

Sobre a saúde, Hillary afirma que este não é um setor que deve ter o lucro como prioridade, mas sim a promoção da vida dos cidadãos, portanto, seu governo seria mais rígido na fiscalização dos seguros de saúde privados, daria continuidade ao programa *Obamacare*, ampliaria o serviço público de saúde a fim de atingir a população mais carente do país, controlaria os preços de medicamentos, facilitaria o acesso das mulheres à métodos de contracepção, reprodução e aborto realizados de modo seguro e legalizado, visto que este é um direito das mulheres e que estas são livres para tomarem suas decisões de conforme com sua fé e orientação médica, de acordo com Hillary, que também lutaria contra Congressistas Republicanos que quisessem reduzir o orçamento destinado ao *Planned Parenthood* no tratamento de câncer.

Na questão da educação, Hillary defende um sistema de qualidade à todos norte-americanos, sem distinção de classe social, etnia, religião ou sexo, começando pela educação base que garantiria em um prazo de 10 anos, que todas as crianças a partir dos 4 anos de idade estivessem na pré-escola, oferta de bolsas estudantis e de cuidados para estudantes que tivessem filhos e melhoria da qualificações dos professores e de seu ambiente de trabalho. Outra questão muito importante sobre este tema, é o sistema de financiamento universitário que resulta em um montante de 350 bilhões de dólares que como forma de pagamento, os beneficiados deveriam realizar dez horas de trabalho semanais, uma contribuição simples e realista de acordo com a democrata e além disso, em um prazo de 10 anos, metade deste valor seria dividido entre os Estados que não reduzissem seus gastos com o sistema superior de educação.

Para a democrata, seria necessário reformular algumas leis referentes à imigração de modo que as famílias imigrantes ilegais, não sejam mais separadas e possam, através de futuros meios legais estabelecidos pelo governo, garantir sua cidadania, regularização de imigrantes trabalhadores que esteja contribuindo para a economia do país e também programas de integração e neutralização destes imigrantes, para que não tenham somente cidadania norte-americana, mas para que sejam bem alocados em sociedade.

Além da política externa, Hillary tinha como meta fazer dos Estados Unidos um líder mundial em energia limpa na próxima década com a instalação de 500 milhões de painéis para a utilização de energia solar e assim reduzir em um terço o uso de petróleo e 30% a emissão de gases, com base nos dados de 2005.

O eleito Donald Trump, por sua vez, abordou as mesmas questões que Hillary, porém de maneira distinta, o que o envolveu em diversas polêmicas durante sua campanha devido suas propostas antiglobalização e discriminatórias de acordo com a concepção esquerdista, democrata e de outros grupos. No entanto, estas mesmas propostas radicais agradavam à outros eleitores, principalmente os cidadãos brancos e membros de classe alta e isso foi o suficiente para levar o republicano à presidência.

No que diz respeito a saúde, o candidato prometeu encerrar o programa *Obamacare* e em troca criaria empregos que, de acordo com o mesmo, é o melhor programa social que existe porque desta forma cada indivíduo com seu próprio dinheiro se encarregaria de sua saúde sem depender de programas governamentais. O *Medicaid*, por sua vez, programa de saúde destinado a indivíduos de baixa renda, passaria a atuar em nível estadual, de modo que cada Estado cuidasse do assunto, sem intervenção do governo federal.

Sobre os seguros de saúde, Trump diz que a compra dos mesmos não deve ser obrigatória, porém estes deverão ser apresentados à todos os Estados, sem restrições e serão descontados do imposto de renda. Trump também propõe a criação de um novo programa, o *Health Savings Accounts* (HSAs), uma conta poupança destinada somente aos gastos de saúde e que pode ser utilizada por qualquer integrante da família do titular e pode também ser transferida no caso de morte do mesmo.

Ademais, o presidente defende transparência nos preços cobrados por médicos, hospitais e outras organizações voltadas para saúde e declarou ainda que suas propostas a cerca das imigrações ilegais no país, resultariam na economia de 11 bilhões de dólares anuais, valor atual de atendimento médico gasto com imigrantes.

Trump também aponta o aborto como uma questão de saúde, há anos, o mesmo era favorável ao procedimento, porém em sua campanha declarou que apoia esta medida somente em casos de risco à vida da mãe, estupro e incesto e declarou também que em seu governo o *Planned Parenthood* deve deixar de realizar o procedimento pois se utiliza de recursos públicos, o que de acordo com o republicano, é uma afronta a pessoas contra o aborto e também ao governo. Durante uma entrevista à CNN, o presidente propôs que, caso o aborto se tornasse ilegal, medidas punitivas fossem

aplicadas às mulheres que o realizassem, porém, após gerar muita polêmica, Trump reparou suas palavras e disse que os punidos seriam os médicos que realizassem este procedimento, jamais as mulheres.

Dentre as propostas a cerca da questão imigratória, estava o reforço das fronteiras do país que de acordo com Donald Trump, sem elas, uma nação deixa de ser nação, portanto, criaria um muro em suas fronteiras com o México, a fim de evitar imigrações ilegais, sendo que o último seria obrigado a pagar pela obra do muro sob ameaças de sanções e rupturas de acordos comerciais. Outra medida de controle imigratório, será o aumento das taxas cobradas para retirada de vistos temporários com destino aos Estados Unidos e também o veto do programa H-1B que permite a emissão de vistos para imigrantes qualificados trabalharem temporariamente em empresas americanas, feito isto, o presidente obrigará estas mesmas empresas a oferecerem emprego primeiramente aos cidadãos norte-americanos.

Quanto aos refugiados, os Estados Unidos não os receberão, principalmente os muçulmanos e não somente em condição de imigrante, mas também como turista ou trabalhador, até que seja analisada a situação em questão.

Para os imigrantes que já estão em território norte-americano, cerca de 11 milhões de pessoas, se aplicará a lei de expulsão, somente aqueles que comprovarem ser bons cidadãos seriam aceitos e terão cidadania norte-americana.

A economia é o principal tema abordado por Donald Trump, o qual acredita que a promoção da mesma depende, predominantemente, do aumento de empregos, portanto, o governo cuidará para que grandes indústrias não se instalem na China e no México, mas sim nos Estados Unidos, tampouco deixará que as já instaladas se mudem para outros países, se o fizerem serão punidas com altas taxas de impostos cobradas sobre seus produtos, assim como já fez com a Toyota e a BMW, desta forma o país terá grande oferta de emprego

Inicialmente, Trump prometeu aumentar as taxas de impostos cobradas de famílias de classe alta, para assim poder diminuir as taxas cobradas de famílias de classe baixa, porém, reformulou a promessa e afirmou que simplificará e reduzirá os impostos de todos cidadãos e também de empresas, prometeu também realizar cortes de gastos governamentais, sendo que o primeiro deles seria no Departamento de Educação.

Trump defende um sistema educacional independente do governo federal mas dependente do seu respectivo governo estadual e defende também que instituições

escolares sejam áreas livres para o porte e uso de armas, desta forma, não serão alvos de ataques de criminosos ou de pessoas portadoras de problemas psicológicos.

Dito isto, Trump apoia a facilitação da compra, porte e venda de armas para que as pessoas possam se defender em ocasiões em que a polícia não esteja presente, porém, para evitar o descontrole da situação, o presidente afirma que é necessário implantar leis mais rígidas no que diz respeito à crimes e violência e também ampliar o sistema de tratamentos psicológicos. Trump também compara o porte de armas à licença de motorista afirmando que a última é privilégio de todos e válido em todo território norte-americano e assim também deve ser o porte de armas.

Sobre a política externa norte-americana, Trump afirmou em um de seus discursos de campanha eleitoral que os Estados Unidos sempre será o primeiro, mesmo que para conquistar esta posição seja necessário sacrificar suas relações com seus aliados pois, de acordo com o republicano, estes tem vivido muito dependentes dos Estados Unidos.

Trump afirma também que as nações inimigas não mais temem ou respeitam os Estados Unidos e que através da ampliação do poderio militar o país se tornaria mais forte e ameaçador a ponto de reconquistar o respeito e causar medo aos países inimigos, desta forma não sofreria qualquer tipo de ameaça.

O republicano afirmou que fará dos Estados Unidos uma nação imprevisível e que utilizará armas nucleares e práticas de tortura quando julgado necessário, principalmente diante de ataques terroristas, o maior inimigo à ser derrotado por seu governo.

Em suas campanhas, prometia estabelecer uma convivência pacífica com a China e a Rússia, de modo que seriam retiradas as sanções impostas ao último pelo governo do ex-presidente Barack Obama, porém, caso estas nações violassem os limites de paz, Trump responderia de forma rígida.

Sobre questões ambientais, o presidente acredita que o aquecimento global não está dentre os maiores problemas mundiais e no inverno de 2014 questionou se esta não é apenas uma invenção da China e por isso, em seu governo, os Estados Unidos utilizarão energias vindas das indústrias carvoeiras, pois fontes de energia limpas para reduzir a emissão de carbono e de outros poluentes, comprometem as indústrias e a economia do país e ainda declarou em seu livro *Crippled America*, que as fontes de energia “verde” são apenas formas caras de fazer com que os abraçadores de árvore se sintam bem com eles mesmos.

3.2 O Posicionamento De Trump

O bilionário e atual presidente norte-americano Donald Trump, desde sua candidatura à presidência, tem se envolvido em polêmicas que se arremetem ao seu passado e ao seu presente, principalmente a cerca de suas propostas e discursos, visto que seu posicionamento é diferente daquele buscado em um presidente e não apenas isso, mas sua figura política, apesar de estar interligada ao Partido Republicano, não está completamente de acordo com os princípios históricos do mesmo, o que faz de Donald Trump uma figura desconhecida dentro de seu próprio meio ou um político independente. Somente após sua posse à presidência e uma reforma ao Gabinete Ministerial, onde colocou empresários, servidores das forças armadas e políticos republicanos das classes mais conservadoras para tratar de assuntos relacionados à educação, trabalho, defesa, segurança interna, energia, saúde, dentre outros assuntos públicos, Trump pôde finalmente encontrar-se e poderá colocar suas propostas em prática.

Um das maiores contradições do presidente em relação ao seu partido político e às condutas históricas do próprio país, foi seu discurso antiglobalização visto que parte da história e triunfo norte-americano foi, respectivamente, marcada e devido sua política externa, principalmente após a Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, período em que os Estados Unidos exerciam grande influência mundial através do *soft power* e expandia seu modelo econômico capitalista, mercado e cultura, além disso, este posicionamento considerado contraditório deve-se também ao fato de que o mundo vive, atualmente, o fenômeno da globalização.

Trump possui uma lista de declarações e afirmações que demonstram sua oposição à globalização e o que ela engloba, o mesmo afirmou que a globalização é a

responsável pela diminuição da oferta de emprego em âmbito nacional, criticou organizações internacionais e blocos econômicos afirmando que estes vivem à sombra dos Estados Unidos, declarou que atacaria seus aliados se fosse necessário, declarou também que quer criar barreiras em seu comércio com a China a fim de controlar o crescimento da última, quer criar um muro em sua fronteira com o México para evitar que, de acordo com Trump, estupradores entrem em seu país, curiosamente, o México é membro do NAFTA, bloco econômico formado aos Estados Unidos e Canadá, criticou o livre comércio e pretende implantar medidas protecionistas sobre seu mercado, ameaça constantemente a Coreia do Norte e por fim, descarta qualquer relação com países do Oriente Médio a fim de manter a segurança norte-americana pois estes países, principalmente o Irã, financiam grupos terroristas e assassinos de acordo com o presidente. Porém, vale ressaltar que em suas propostas políticas durante sua campanha eleitoral, Trump prometeu retomar o acordo nuclear com Irã feito no governo de Obama, o qual consistia na desistência iraniana de obter urânio para fins nucleares e em troca os Estados Unidos retirariam as esmagadoras sanções comerciais, no entanto, Obama não realizou o acordo com êxito e Trump por sua vez, disse que não seria como o ex-presidente.

A oposição a globalização leva Donald Trump à um novo posicionamento, o de xenofóbico, porém não há aversão ao estrangeiro no que diz respeito às superpotências, mas sim à pequenas economias e regiões. O presidente está disposto a barrar temporariamente a entrada de muçulmanos no país a fim de evitar ataques terroristas e irá separar Estados Unidos e México através de um muro, pois dentre os mexicanos apesar da existência de algumas pessoas boas, estão também estupradores, assassinos e traficantes, o que gera grande controvérsia pois um considerável número de mexicanos está nos Estados Unidos hoje realizando trabalhos manuais. Estas são somente duas das medidas que Donald Trump está disposto a tomar para, supostamente, proteger o povo norte-americano, o mesmo promete que outras políticas serão adotadas à medida que forem necessárias. Este posicionamento político tem tomado proporções internacionais e tem chocado todo o mundo pois, atualmente, vivemos também um período de promoção da vida, da liberdade e de igualdade, e os defensores destes movimentos acreditam que estas declarações de Trump ao tomar tais proporções, podem instigar a xenofobia em outras partes do mundo, por isso o republicano tem sofrido inúmeras críticas nacionais, internacionais e midiáticas e como resposta concreta às suas políticas,

o governo mexicano o tem ameaçado comercialmente, afirmando que deixaria de comprar produtos primários vindos dos Estados Unidos e passaria a comprar do Brasil.

Trump também tem um histórico de racismo e discriminação desde 1973, quando era presidente dos negócios imobiliários de seu pai, empresa que utilizava políticas discriminatórias contra afro-americanos. Desconfiado das imobiliárias, o governo passou a investigar a empresa enviando supostos clientes de pele branca à procura de imóveis, à estes eram apresentadas diversas propriedades com possibilidade de locação imediata e em seguida, eram enviados ao mesmo lugar clientes de pele negra e para estes nunca havia imóvel disponível. Outra fonte de provas contra a empresa, foi um ex-funcionário que revelou que a empresa exigia que fosse marcada a letra C em formulários preenchidos por pessoas de cor para que soubessem quais clientes rejeitar. Após a coleta de dados, o governo possuía provas o suficiente contra a empresa e a processou, Donald Trump por sua vez, contestou ao processo através da mídia e do poder judicial, sendo que o mesmo foi encerrado após a realização de um acordo entre os Trump e o governo.

Mais tarde, em 1980, Kip Brown, ex-funcionário de um dos cassinos de Donald Trump em entrevista à revista *New Yorker*, disse que os funcionários negros saíam de seus postos e iam para os fundos do estabelecimento quando Trump e sua ex-esposa Ivanka chegavam ao local.

Outra polêmica sobre racismo e discriminação envolvendo o republicano ocorreu em 1991 quando John O'Donnell, ex-presidente do Trump Plaza Hotel e Cassino na cidade de Atlântica, Nova Jersey, publicou seu livro *Trumped! The Inside Story of the Real Donald Trump – His Cunning Rise and Spectacular Fall* e nele criticou Donald Trump por sua conduta racista e narrou uma conversa que teve com o presidente norte-americano em que este dizia que não gostava que contadores negros cuidassem de seu dinheiro, pois estes são preguiçosos, o que de acordo com Trump, é uma característica típica de pessoas negras, portanto não conseguem controlar. O'Donnell também escreveu em seu livro que após esta conversa, Trump insistia que o contador fosse demitido, porém, o mesmo de demitiu por conta própria pouco tempo depois. Com a polêmica gerada pela publicação do livro, Donald Trump negou todas acusações, porém mais tarde, em 1997 em entrevista à revista *Play Boy*, ele declarou que as escritas de O'Donnell sobre são provavelmente verdade.

Existem também episódios recentes que demonstram o posicionamento racista de Trump, dentre eles está uma fala do mesmo que cogita a possibilidade de Barack

Obama ter nascido no Quênia e insinuou que este estudou em instituições de elite graças à política de cotas. Trump também se manifesta constantemente pelo *Twitter* e em uma de suas postagens apresentou um gráfico que apontava que 81% dos casos de assassinato de pessoas brancas são causados por pessoas negras, sendo que o número verdadeiro à ser apontado é 15%, além deste tweet, o presidente retuita postagens de supremacistas brancos e nazistas. Uma das mais recentes políticas discriminatórias do presidente, foi a anulação da proteção de transgêneros sob a lei da não discriminação descrita na Lei de Direitos Civis de 1964.

Mulheres, em geral também foram alvo de Donald Trump ao longo de sua carreira, em seu livros, discursos e entrevistas o mesmo expôs seu posicionamento machista, a diferença deste grupo para os outros, é que este não será afetado pelas novas políticas do presidente, mas é afetado pela falta delas, como por exemplo mulheres que sofrem agressões sexuais no exército, dos 6000 mil casos somente 238 foram devidamente julgados, a este respeito o republicano afirma que é algo previsível pois é esse tipo de coisa que acontece quando homens e mulheres são misturados. Trump também fala da beleza feminina como uma ferramenta essencial para ter privilégios e para conseguir emprego e que estas são objetos estéticos agradáveis, porém superficiais, assim como um belo edifício ou obra de arte à se admirar. Ele fala também que todas as mulheres se casam por dinheiro e que dar joias à elas é uma forma de enriquecê-las, por este motivo não presenteia sua esposa desta forma, afirmou que as mulheres se excitam com seu poder e fortuna por isso é normal quando estas flertam com ele. Além disso, Trump já ofendeu algumas figuras femininas diretamente, em 2006 disse que Angelina Jolie já saiu com muitas pessoas e por isso não o atrai, durante sua campanha presidencial atacou Hillary Clinton pelo *Twitter*⁹ ao lembrar o escândalo matrimonial da mesma quando foi traída por seu marido Bill Clinton e disse que se Hillary não consegue satisfazer seu marido, como vai satisfazer os Estados Unidos, ofendeu a atriz e apresentadora Bette Midler ao afirmar que ela não é nada atrativa, que sua fealdade é uma ofensa e criticou Rosie O'Donnell, chamando-a de áspera, vulgar, animal e repugnante.

Seus posicionamentos são justificados por outro, o de nacionalista com pois de acordo com Trump, seu papel é representar os Estados Unidos e não o mundo, por isso

⁹ Anexo E

fará o necessário para cumprir com seu objetivo de proteger o país e de torná-lo o número 1 do mundo, por isso a frase *América first* utilizada em seu discurso de posse.

Além das grandes polêmicas em torno de seus posicionamentos, existem distintas opiniões acerca de Donald Trump, para os grupos nazistas, supremacia e elite branca, o mesmo é um grande político e representante de interesses particulares e que será capaz de elevar os Estados Unidos à liderança mundial. No entanto, as minorias ameaçadas pelas políticas do governo Trump, acreditam que o republicano é um indivíduo que mais causa choques em seus discursos do que em suas práticas, visto que em dez meses de governo suas propostas ainda não se concretizaram, isso cria uma esperança entre os norte-americanos e no mundo de que Donald Trump na verdade seja um intolerante que não sabe se expressar ou que foi mal interpretado, caso contrário, suas políticas causarão grande impacto nacional e internacional no que diz respeito ao comércio, economia e tolerância.

3.3 A vitória nas Eleições e o que vem acontecendo

Antes mesmo da posse presidencial de Donald Trump em 20 de janeiro de 2017, as ruas de Washington estavam tomadas por manifestantes contra o presidente, na internet já havia o recolhimento de assinaturas na tentativa de destituir o futuro presidente. A polícia, por sua vez, interveio nas manifestações¹⁰ com o uso de gás de pimenta e através de detenções, porém os manifestantes que não foram contidos, corriam em direção à Casa Branca.

As manifestações ocorriam também entre opositores e apoiadores de Trump, o primeiro, com o uso de cartazes dizia que quem o elegeu é problemático e criticava o novo presidente chamando-o de racista, intolerante e atrasado, enquanto o último contestava o seu direito de votar livremente em Trump pois este os representava.

No dia seguinte à sua posse, em 21 de janeiro de 2017, países como África do Sul, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Itália e República Tcheca saíram às ruas na Marcha das Mulheres¹¹, foram realizados cerca de 600 movimentos internacionais que reuniram aproximadamente 2,5 milhões de pessoas que protestaram os direitos das mulheres, os direitos humanos, a liberdade e a igualdade. Em Londres, junto às mulheres haviam outros manifestantes, totalizando um número de 100 mil pessoas que

¹⁰ Anexo F

¹¹ Anexo G

caminharam até a embaixada norte-americana Em Paris, cerca de 2 mil pessoas se reuniram próximas à Torre Eiffel e levavam cartazes com o lema francês: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Na cidade do México mil manifestantes saíram às ruas, a maioria delas eram norte-americanas. Em Budapeste, Hungria, 400 pessoas se sensibilizaram com as manifestações em Washington e iniciaram uma marcha contra a construção do muro na fronteira com o México. Em Berlim, Alemanha, um grupo de manifestantes se uniram em frente à embaixada norte-americana protestando a favor do 1 milhão de imigrantes que foram para os Estados Unidos no ano de 2015 a fim de fugir da pobreza, guerra ou perseguição do seu país de origem. Em Praga, na República Tcheca a organizadora da marcha declarou que a mesma foi às ruas para apoiar a democracia, direitos humanos, direito das mulheres e meio ambiente.

Também foram realizados movimentos em território nacional nas cidades de Nova York, Boston, Los Angeles e Seattle, mas o principal deles foi em Washington, Distrito Federal. O movimento na capital norte-americana foi o resultado da iniciativa de uma advogada aposentada que publicou em sua rede social: “por que não marchar para Washington após a posse?” e menos de 24 horas depois a postagem se tornou um evento com a confirmação de 225 mil participantes e 250 mil interessados. O grupo foi formado por defensores dos direitos civis, muçulmanos, imigrantes, feministas, indígenas, homossexuais, pacifistas e representantes do movimento *Black Lives Matter*¹², organização que recebe denúncias de abusos policiais contra negros e teve apoio oficial da Anistia Internacional, movimento presente em mais de 150 países e que envolve cerca de 7 milhões de apoiadores que através de ações e campanhas promovem o reconhecimento, respeito e proteção dos direitos humanos, também teve o apoio do *Planned Parenthood*, organização social financiada pelo orçamento público e ameaçada pelo governo de Trump.

Dentre os manifestantes estavam também figuras públicas como Angela Davis, mulher negra, filósofa e grande ativista em movimentos negros e feministas desde 1960 e haviam também artistas como o cineasta Michael Moore, a atriz Scarlett Johansson, Julianne Moore, as cantoras Cher, Katy Perry, Alicia Keys e Madonna que antes do início da marcha, realizaram discursos motivadores.

Bem-vindos à revolução do amor, à rebelião, à nossa recusa enquanto mulheres a aceitar essa nova era da tirania, onde não só mulheres estão em

¹² Anexo I

perigo, mas todas as pessoas marginalizadas. Onde pessoas singularmente diferentes podem ser consideradas um crime. Eu escolho amor. Vocês estão comigo? Digam comigo: Nós escolhemos amor! (MADONNA, 2017, s/n)

Presidente Trump, eu não votei em você. Dito isso, eu respeito que você é nosso presidente eleito e quero ser capaz de te apoiar. Primeiro, eu peço que você me apoie, apoie minha irmã, apoie minha mãe, apoie minha melhor amiga e todas as nossas amigas, apoie os homens e mulheres aqui hoje que estão esperando ansiosamente para ver como seus próximos movimentos podem afetar drasticamente suas vidas. (JOHANSON, Scarlett, 2017, s/n)

Nós não vamos permitir que nossos corpos sejam possuídos e controlados por homens no governo ou qualquer homem em qualquer lugar. Nós não vamos permitir que nossas almas compassivas sejam pisadas. Nós queremos o melhor para todos os americanos. Não ao ódio. Não à intolerância. Não ao registro de muçulmanos. Nós valorizamos a educação, a saúde e a igualdade. (KEYS, Alicia, s/n)

Em seus protestos, os manifestantes, a grande maioria mulheres, criticavam o posicionamento machista e sexista do presidente, pediam pelos direitos e também respeito à elas, aos imigrantes, negros, homossexuais e deficientes físicos, visto que em um de seus discursos, Trump ridicularizou Serge Kovalski, uma repórter do The New York Times portadora de artrogripose, uma doença congênita que limita os movimentos do portador, neste discurso Trump falava que os muçulmanos de Nova Jersey comemoravam o ataque de 11 de setembro e ao contestá-lo, o republicano respondeu à Serge enquanto sacudia seus braços imitando os movimentos da mesma.

Dias depois, em 29 de janeiro, houveram novas manifestações, estas em protesto contra a ordem do presidente Donald Trump de proibir a entrada de estrangeiros de sete nacionalidades diferentes, sendo que três delas são muçulmanas: iraquianos, iranianos e sudaneses. A maior marcha deste protesto aconteceu em Manhattan próximo a Estátua da Liberdade, monumento que representa boas-vindas aos estrangeiros e dentre os protestantes estava o senador do Partido Democrata Charles Schumer e afirmou que as ordens do presidente são opostas aos principais valores norte-americanos e que as mesmas representam vida ou morte do povo.

Em Washington, 2 mil manifestantes se reuniram próximo à Casa Branca e cantaram: “Não há ódio nem medo, os refugiados são bem-vindos aqui”. Simultaneamente, 200 manifestantes protestavam nos Aeroporto Internacional de Dulles, próximo à Washington e outros 200 no aeroporto Fort Worth, Dallas. Boston reuniu aproximadamente 10 mil pessoas que se colocaram à ouvir o discurso que fazia críticas ao presidente da senadora e líder dos liberais do Partido Democrata Elizabeth Warren. Na cidade de Chicago, dentre os manifestantes haviam judeus que se sensibilizaram

com a discriminação sofrida pelos muçulmanos e nas cidades de Houston, Detroit, St. Louis e Los Angeles, também tiveram suas ruas tomadas pelos manifestantes.

Em fevereiro, a Universidade da Califórnia, a qual possui 38 mil alunos e um histórico de ativismo, receberia o editor de extrema direita Steve Bannon, o qual já foi estrategista-chefe de Donald Trump. Cerca de 1500 estudantes da universidade se manifestaram contra a presença de Bannon, quebraram janelas, causaram incêndios, atiravam pedras e brigavam com a polícia local. O resultado disso foi o cancelamento da palestra de Bannon e uma ameaça de Trump novamente através do *Twitter*, em que o mesmo dizia que se universidade não permitisse o livre discurso e praticasse violência contra pessoas inocentes que possuem pontos de vista diferentes, seriam cortados os financiamentos federais destinados à universidade.

Na Califórnia, em 25 de março os apoiadores de Trump saíram às ruas para expressar seu apoio ao fim do programa *Obamacare*, o movimento atraiu críticos do presidente que por sua vez, foram às ruas protestar, ambos os grupos acabaram se envolvendo em conflitos que tiveram de ser contidos pela polícia que acabou prendendo duas pessoas. Em seu *Twitter*, Trump agradeceu seus apoiantes pelo suporte maravilhoso e afirmou que farão *America Great Again*.

Em abril de 2017 aconteceram novas manifestações em que os participantes pediam para que Trump mostrasse sua declaração de imposto de renda, pois antes de tornar-se presidente, ele foi acusado de utilizar estratégias ilegais para fugir da responsabilidade do pagamento do imposto de renda por 18 anos. Este movimento iniciado por pessoas contra o novo presidente, atraiu a atenção de cidadãos pró governo Trump, o que resultou em um confronto direto entre os grupos manifestantes que utilizaram gás de pimenta no conflito e por isso muitos destes tiveram que ser socorridos pela polícia, que também deteve muitos manifestantes envolvidos em brigas. No dia 29 do mesmo mês, no centésimo dia de governo do presidente, houve uma nova onda de manifestações que levavam às ruas cartazes com as frases “não ao fascismo” e “salve o planeta”.

Atletas também tem se manifestado nos campos de futebol, de beisebol e nas quadras de basquete, jogadores se ajoelham durante o hino ou não saem do vestiário durante a execução do mesmo, o *State Warrior*, atual time campeão da NBA se recusou à cumprir o protocolo de visita à Casa Branca e seus jogadores declararam através do *Twitter* que não votaram em Trump e que ir à Casa Branca deixou de ser uma honra.

Dentre estas manifestações, porém, a de maior impacto foi a marcha “*Unite the Right*”¹³ (Unir a Direita), que ocorreu em Charlottesville, na Virgínia, a qual teve início em 12 de agosto e terminou somente no dia seguinte. Este movimento foi criado pela supremacia branca norte-americana, por membros da Ku Klux Klan¹⁴ e outros membros da extrema direita e adeptos ao neonazismo que foram encorajados pelas propostas e posicionamento de Donald Trump. Estes manifestantes foram às ruas portando equipamento paramilitar como escudos, proteções e armas.

Em contestação ao *Unite the Right*, os anti facistas, religiosos, membros do *Black Life Matter*, liberais e outros grupos, também foram se manifestar pelas ruas de Charlottesville e levavam apenas água, comida e kit de primeiros socorros. Durante os conflitos entre liberais e conservadores, 19 pessoas se feriram e 1 mulher, vítima de um atropelamento proposital, faleceu, seu assassino foi identificado como James Alex Field de 20 anos e após o ocorrido a situação se agravou. Dois policiais também morreram, porém estes sofreram um acidente aéreo e as causas deste ainda estão sendo investigadas.

Ao se manifestar no *Twitter* sobre o ocorrido, Trump disse apenas que a culpa foi de ambos os grupos e que o país deve se manter unido a fim de condenar o ódio e o que ele representa. Esta pronúncia de Trump gerou grande revolta entre aqueles que são contra seu governo e estes responderam com novas manifestações contra o ódio, com placas e cartazes pedindo por um governo sem Donald Trump, sem Ku Klux Klan que mais uma vez atraíram cidadãos pró Trump, porém, como representavam a minoria eles foram cercados e foi necessário ajuda policial para retirá-los do local a fim de evitar atos violentos.

Estas manifestações representam o descontentamento da grande maioria do povo com o atual governo americano, o qual enfrenta aprovação de 44%, o mais baixo índice da história norte-americana, e espera-se ainda que novas manifestações pacíficas aconteçam e que a falta de represália aos manifestantes violentos, fomentará também novas manifestações violentas. Enquanto isso acontece, Trump se abstém ou se manifesta através de redes sociais de maneira que mantenha o apoio dos extremistas.

¹³ Anexo H

¹⁴ Anexo J e K

Capítulo 4 – O Ideal dos Pais Fundadores e o Posicionamento de Trump

Como dito no primeiro capítulo deste trabalho, ao analisar uma nação, nota-se que seu presente está intimamente relacionado à sua origem, as circunstâncias em que ela foi criada e que contribuíram para seu desenvolvimento, permitem compreender seus costumes, cultura, ideologia, paixões e como ela é levada à fins, ocasionalmente, involuntários.

Os Estados Unidos surgiram no início do século XVII, o primeiro Estado, a Virgínia, conhecida na época como uma das colônias inglesas, foi a primeira a instalar-se oficialmente, em seguida, um grande fluxo de europeus em busca de uma nova sociedade, pacífica e justa, imigraram para a América do Norte e lá construíram as demais colônias.

No Continente da Europa, no começo do século XVII, a monarquia absoluta triunfara em toda parte, sobre as ruínas das liberdades oligárquicas e feudais da idade média. Em época alguma as ideias do direito foram, talvez, mais do que no meio do esplendor e literatura da Europa; nunca houve menos atividade política entre o povo; nunca foram menos amplamente definidos os princípios da verdadeira liberdade; e nessa mesma época, os princípios desprezados ou ignorados pelas nações da Europa eram proclamados no deserto do Novo Mundo e eram aceitos como o futuro credo de um grande povo. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 58)

Vindos de um continente marcado por conflitos, guerras, perseguições e tirania, estes imigrantes visavam a construção de uma sociedade nova que lhes proporcionasse o direito, a liberdade e tudo aquilo que lhes eram privados anteriormente, com isso, apesar das inúmeras diferenças entre as colônias e suas respectivas regiões, o objetivo era o mesmo, prosperar em um novo continente e assim o fizeram.

Todas as colônias britânicas tinham, portanto, um elevado grau de semelhança familiar na época de sua instalação. Todas desde o começo pareciam destinadas a testemunhar o crescimento não da liberdade aristocrática de sua pátria-mãe, mas da liberdade das ordens inferiores e médias, das quais a história do mundo ainda não tinha fornecido exemplo completo. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 51)

As colônias também eram conhecidas como *townships* ou cidades auto governadas, as quais todavia eram de certa forma exploradas pela metrópole inglesa, mas também eram soberanas no território em que estavam localizadas, tinham seu próprio governo além do governo da metrópole, os indivíduos eram livres e podiam

interferir nos assuntos públicos, tinham responsabilidades de uns para com os outros, discutiam sobre o pagamento de impostos e podiam adorar ao seu Deus livremente.

Todos estes aspectos norte-americanos formaram um grande conjunto jamais visto anteriormente em qualquer região do mundo, por isso os Estados Unidos são, frequentemente, apontados como a primeira nação democrática do mundo e logo, um grande modelo a ser seguido, inclusive nos dias atuais ou até o governo do ex-presidente Barack Obama.

Constantemente violados pela metrópole inglesa, as treze colônias norte-americanas se revoltaram e deram início à guerra da independência, que após um intenso conflito, resultou na vitória da União Americana e na ratificação da Declaração da Independência em 4 de julho de 1776, um dia histórico para a nação que adotou um padrão moral baseado na igualdade dos homens, os quais, segundo a declaração, são portadores de direitos como a vida, a liberdade e a felicidade. Cinquenta e seis homens ratificaram a Declaração de Independência, estes são considerados os pais fundadores da nação, os mais conhecidos são John Adams, o segundo presidente norte-americano e Thomas Jefferson, terceiro presidente e principal contribuinte à esta declaração.

Os pais fundadores da União Americana também são aqueles 74 delegados representantes de doze das treze colônias, estes que eram líderes em suas regiões, que foram educados e alguns deles que haviam servido o exército durante a Revolução Americana, foram os criadores e assinantes da Constituição que surgiu em 1783. Este foi um novo episódio que entrou para história norte-americana pois a ratificação desta representa um reforço da Declaração da Independência e do modelo democrático vigente. Dentre os delegados mais conhecidos estão Benjamin Franklin; jornalista, autor, político, abolicionista, diplomata, cientista e um dos líderes da Revolução Americana, Alexander Hamilton; grande influente nas bases do capitalismo norte-americano e criador do primeiro banco nacional, George Washington e James Madison; primeiro e quarto presidente dos Estados Unidos, respectivamente.

Ambos os ratificantes destes documentos se equiparavam no que diz respeito à promoção da democracia, dos direitos, da igualdade e do respeito, porém, cada qual era movido por diferentes ideologias e princípios que os faziam defender distintas causas e grupos. Alguns eram favoráveis a abolição da escravidão, outros eram favoráveis a continuação da mesma por motivos econômicos, mulheres não tinham os mesmos direitos que os homens, famílias de classe baixa não deveriam ser tão participativas nos

assuntos públicos quanto famílias de classe alta, dentre outros fatores sociais que, mesmo com o decorrer da história norte-americana, pouco ou nada se alteraram.

As diferenças das classes sociais eram visíveis, os ex-escravos ainda sofriam discriminação, exclusão e por vezes violência física, a escravidão chegou ao fim, mas as condições de trabalho ainda eram péssimas e os trabalhadores eram explorados, os novos imigrantes eram aceitos na União apenas para exercer alguma atividade trabalhista pouco remunerada e não eram protegidos pelas leis federais ou estaduais, mulheres e crianças também trabalhavam por pelo menos 10 horas diárias, recebendo um salário inferior ao do homem e expostos à situações de risco. De modo geral, a Declaração da Independência e a Constituição Norte Americana eram leis segregacionistas e nazistas, ou seja, elas se aplicam somente à homens norte-americanos puros, brancos e membros de classe alta, enquanto imigrantes, afro-americanos, mulheres e cidadãos membros de classe baixa, eram excluídos pelas mesmas e por toda a sociedade protegida por elas.

Estes são alguns exemplos do passado, resultados do ideal dos pais fundadores e da democracia norte-americana, o maior modelo democrático a ser seguido ao longo da história estadunidense e que hoje, com o governo Trump, enfrenta um momento de incertezas e sofre grandes ameaças. Porém, ao analisar os Estados Unidos desde a sua criação e ao comparar os ideais dos pais fundadores e o posicionamento de Donald Trump supracitado, é possível encontrar mais semelhanças do que diferenças entre eles, por este motivo se faz importante um estudo histórico amplo e profundo acerca da real democracia norte-americana.

Trump é o representante oficial dos ex-presidentes dos séculos XVIII, XIX e XX, ele apenas trouxe para o presente as medidas políticas que regeram o país no passado por mais de três séculos, seu governo será mais um que protegerá os interesses e direitos da elite enquanto esmaga os pobres, as minorias, os afro-americanos, os indígenas, os homossexuais, as mulheres, os deficientes e os imigrante, portanto, Trump não é uma ameaça, ele é uma incerteza e representante da verdadeira histórica democracia norte-americana.

4.1 Liberdade X Tirania da Maioria

A definição de liberdade está sujeita a alteração de acordo com o tempo, espaço, cultura, religião, sistema político, dentre outros fatores e é também um termo que todos

sabem à respeito e sabem explicar em palavras gerais porém, quando é pedido uma definição, este torna-se um termo complexo à ser discutido pois pode ser muito abrangente dependendo do contexto em que estiver inserido.

O primeiro filósofo a pensar sobre liberdade foi Sócrates, para ele, ela só é possível quando o homem conhece a si mesmo e quando possui autodomínio, desta forma é possível controlar suas paixões e sentimentos, caso contrário, fora deste controle, o homem se torna escravo de si mesmo e será controlado por suas paixões e sentimentos, por isso Sócrates criou a frase “Conhece-te a ti mesmo”.

O seu sucessor, Platão, também refletiu sobre o termo, para ele a liberdade está na vivência de acordo com a virtude e esta, não necessariamente, deve estar de acordo com a moral, esta definição se aplica somente à liberdade do corpo que assim como disse Sócrates, depende também do controle de si mesmo. Para a liberdade da alma, somente a morte é capaz de garanti-la.

Outra contribuição para a definição de liberdade veio com os pensamentos de Aristóteles, este afirmava que a liberdade está na capacidade do homem em fazer as melhores escolhas dentre as opções que lhe são oferecidas. As escolhas, por sua vez, devem ser tomadas de forma racional e por isso, para Aristóteles, somente o ser humano pode ser livre. Thomas Hobbes, assim como Aristóteles, acredita que a liberdade está na livre escolha, porém, acrescenta que esta pode ser coibida por elementos externos, como a moral, a ética, um julgamento, dentre outros fatores. Portanto, a liberdade só existe quando o homem é livre para fazer escolhas e quando não há impedimentos para isso.

John Locke contribuiu com a definição de liberdade dividindo o termo entre liberdade natural e liberdade civil. A liberdade natural consiste na vivência do homem que é livre de qualquer poder superior a ele, exceto o da natureza, enquanto que na liberdade civil o homem está sujeito ao poder da natureza e também àquele imposto através de um conjunto político estabelecido somente através de seu consentimento, caso contrário, o homem estaria sob o domínio de outro homem, o tirano.

Para Rousseau, a liberdade é indispensável à vida do homem pois, se este não for livre, automaticamente renunciará a sua qualidade humana e, para garantir a liberdade e igualdade ao homem, se faz necessária uma legislação que advém do Contrato Social. O pensamento de Rousseau foi a inspiração e referencial para a Revolução Francesa em 1789 quando cidadãos reivindicavam por sua liberdade, igualdade e fraternidade.

O significado livre e atual de liberdade consiste em um conjunto de direitos pertencentes à cada indivíduo, tanto individual quanto coletivamente, que são garantidos pelas políticas do Estado. Outra definição aponta que liberdade é o direito que cada cidadão tem de agir de acordo com sua vontade, porém esta ação deve estar em conformidade com as leis do Estado e dentro de limites que garantam que a liberdade de um, não limite a liberdade de outro.

A forma democrática de governo é vista como o modelo ideal capaz de garantir ao povo a liberdade, a igualdade e a proteção de direitos, visto que a democracia é, popularmente conhecida, como o governo do povo ou da maioria, portanto é este que exerce o poder e que pode, direta ou indiretamente, moldar o governo e o sistema político através da eleição de seus representantes. Porém, assim como toda forma de governo está sujeita à determinados perigos, com a democracia não é diferente, esta está sujeita à tirania, que por sua vez, não se trata da concentração do poder nas mãos de um único indivíduo como acontece na monarquia, mas sim nas mãos da maioria que exercem o poder popular sobre as minorias, extinguindo os direitos e liberdade das mesmas.

A ocorrência mais importante na vida de uma nação é o desencadeamento de uma guerra. Na guerra, o povo atua como um homem contra nações estrangeiras, em defesa de sua própria existência. A habilidade do governo, o bom senso da comunidade e o afeto natural que o homem sempre tem pelo seu país podem ser bastantes, enquanto o objetivo é a manutenção da paz no interior do Estado e o desenvolvimento de sua prosperidade interna; mas, para a nação poder levar a cabo uma guerra longa, o povo deve fazer sacrifícios mais numerosos e dolorosos; e supor que um grande número de homens se submeterá de boa vontade a essas exigências é revelar ignorância da natureza humana. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 101)

Isso acontece porque a maioria está sob a proteção da homogeneidade social, dos padrões políticos e culturais predominantes no país, enquanto as minorias que não se encaixam à esta isonomia tornam-se desprotegidas e conseqüentemente marginalizadas.

Acredito que seja mais fácil estabelecer um governo absoluto e despótico no seio tal governo viesse alguma vez a ser estabelecido entre esse povo, ele só não oprimiria os homens, como eventualmente. O despotismo, portanto, parece-me ser especialmente para se temer nos tempos democráticos. (TOCQUEVILLE, 1835, p. 352)

No governo do ex-presidente Barack Obama, apesar das imperfeições, o democrata buscou a promoção da democracia e o controle da mesma para que não se

tornasse uma tirania, sua agenda política tinha um planejamento distinto para cada grupo social, a fim de oferecer-lhes, de acordo com o possível, liberdade, igualdade e proteção. No entanto, o governo de Obama mascarava muitos fracassos de sua gestão e os constantes problemas sociais, enquanto o governo de Donald Trump adotou uma política transparente que torna visível as crises norte-americanas e claramente defende a maioria, o que faz esta parecer uma transição da democracia e da liberdade para a tirania da maioria, fenômeno que, na verdade, acompanha os Estados Unidos desde o surgimento das treze colônias e que após séculos de dissimulação, vem tomando mais nitidez desde a posse de Donald Trump, que após assumir a presidência tem fortalecido um sistema político homogêneo, o que automaticamente exclui as minorias, que por sua vez, serão afetadas não somente pela automática exclusão, mas também pelas políticas segregacionistas incorporadas pelo atual governo neste mesmo sistema.

As minorias norte-americanas, as quais são naturalmente fracas, estão enfraquecendo cada vez mais diante do aumento da força da maioria, os grupos minoritários compostos por mulheres, negros, homossexuais, pobres, deficientes e estrangeiros, não podem usufruir de sua liberdade uma vez que o atual governo norte-americano não lhes garante, plenamente, este direito, na verdade, estes grupos estão sendo fragilizados e condicionados pela reformulação das políticas norte-americanas, as quais discriminam cidadãos negros, que trata de forma distinta homo e heterossexuais, que quer realizar cortes no orçamento de programas de assistência social, que retira homossexuais da lei que os protegem no ambiente de trabalho, que não tem nenhum planejamento político para mulheres e ainda as tratam como objetos, dentre outras políticas que eliminam qualquer proteção, liberdade e direitos destes grupos.

Mulheres sofrem com as desigualdades existentes e a falta de direitos para sua proteção, elas são minoria na ocupação de postos de trabalho, tanto público quanto privado, considerando que no primeiro somente 19% das vagas são ocupadas por mulheres, elas enfrentam diferenças salariais de 21%, seus direitos são pouco abordados na Constituição Norte Americana, a qual não possui nenhuma lei que garante a igualdade de gênero, compõem 90% das vítimas de abusos sexuais, tem direito a licença maternidade de onze semanas não remuneradas e sofrem com o posicionamento sexista que existe no país.

Os cidadãos negros têm um histórico marcado pela discriminação, violência e segregacionismo, os quais deveriam ser combatidos com as leis norte-americanas

existentes que definem tais práticas como crimes, no entanto, a execução destas leis não é rígida o suficiente para garantir que negros possam viver livremente nos Estados Unidos. O país é nitidamente dividido entre cidadãos brancos e negros, as escolas são discretamente destinadas à estudantes negros e estudantes brancos, os melhores postos de trabalho são, geralmente, ocupados por trabalhadores brancos e os piores, por trabalhadores negros, as moradias concentradas em bairros e áreas de pobreza, abrigam um grande número de famílias afro-americanas, enquanto bairros nobres abrigam, em sua esmagadora maioria, famílias brancas, o índice de mortalidade de pessoas negras é oito vezes maior do que de pessoas brancas, estas são vítimas de violências praticadas por civis e por policiais.

Para a classe LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e intersexuais), apesar da grande conquista da lei que permite o casamento homossexual, a discriminação e violência não acabaram, longe disso, pouco mais de um ano, em junho de 2016, um atirador entrou em uma casa noturna voltada ao público gay e fez 49 vítimas, o Estado do Mississippi aprovou uma nova lei que permite que pessoas e estabelecimentos se neguem a prestar serviços à homossexuais, mães solteiras ou casais não casados oficialmente, desde que apresentem justificativas religiosas, a Carolina do Norte, limita leis que protejam homossexuais da discriminação, são estas políticas que levaram 77 homossexuais à morte no ano de 2016 e ainda deixam a classe LGBTI exposta à ameaças e crimes de ódio, que de acordo com os dados coletados pelo FBI, superam o número de qualquer crime sobre outros grupos minoritários, mais do que negros, judeus e muçulmanos.

Dos 323,1 milhões de norte-americanos, 46,7 milhões vivem abaixo ou na linha de pobreza, isso acontece porque o país fixou um piso que diminuiu 5% nos últimos 15 anos e que não permite que estas pessoas avancem para outras classes, portanto, as desigualdades sociais tendem a aumentar à medida em que cidadãos das classes altas tornam-se cada vez mais ricos, enquanto os de classe baixa, se tornam cada vez mais pobres.

Estrangeiros por sua vez, são discriminados desde 1882 a partir do momento de sua entrada em território norte-americano e ao entrar, são vítimas de preconceito, ou mesmo em situação legal, dificilmente conseguem um bom trabalho e quando conseguem, tornam-se alvos de xenofobia visto que a Constituição nacional não os protege e existe ainda uma lei que preservam os cidadãos norte-americanos de estrangeiros, a Lei de Segurança contra Inimigos Estrangeiros.

Estes são alguns dos exemplos ocasionados pela tirania da maioria, a qual assola os Estados Unidos desde sua criação e que gera grandes tensões sociais, discriminação, violência, violação de direitos e extinção da liberdade.

O governo de Donald Trump, diferentemente dos anteriores, expõe abertamente seu posicionamento, suas políticas e à quem elas serão aplicadas, o que faz transparecer os obstáculos enfrentados pelas minorias e, aqueles que assistem ou vivenciam o que vem acontecendo no território norte-americano, culpam o atual presidente por apenas representar e executar as vontades da maioria que o colocaram no poder. A diferença do governo de Trump para com ex-governos, além da transparência, é que este fomenta os movimentos discriminatórios e a violência, pois dão espaço para o surgimento ou aumento do número de nazistas, racistas, homofóbicos, xenofóbicos, dentre outros grupos conservadores

4.2 Os Novos Movimentos Conservadores

A presença de Donald Trump no poder tem provocado manifestações nacionais e internacionais de grupos contrários ao seu governo, mas tem também motivado movimentos que o apoiam e que são compostos por membros da Ku Klux Klan, nazistas, conservadores e cidadãos de extrema direita. Como supracitado, o maior movimento a favor do republicano foi o “*Unite the Right*” que ocorreu em 12 de agosto deste ano em Charlottesville, na Virgínia, onde supremacistas brancos saíram às ruas da cidade carregando equipamentos paramilitares e manifestaram seu apoio ao presidente, em resposta, os manifestantes que são contra Trump também foram às ruas e os grupos pró e contra se envolveram em conflitos físicos que terminou com 19 civis feridos e uma mulher falecida, vítima de um jovem apoiante de Trump.

Este, dentre outros movimentos são realizados por grupos radicais e supremacistas brancos, que de acordo com o levantamento feito pelo *Southern Poverty Law*, organização norte-americana que atua em prol dos direitos civis, existem cerca de 917 destes grupos extremistas no país.

Um dos mais antigos e conhecidos destes grupos, tanto nacional quanto internacionalmente, é a Ku Klux Klan, um grupo de supremacia branca que foi formado em 1866 na região sul dos Estados Unidos e que tinha como objetivo controlar os avanços sociais dos ex-escravos, o controlar as políticas contra a escravidão através da

práticas violentas e terroristas, era contra imigrantes, católicos, semitas e seu lema era a purificação da sociedade norte-americana. Os membros usavam trajes específicos, eram coloridos e levavam um chapéu em forma de cone e máscara, em 1871, novas leis federais levaram o grupo ao seu fim.

Na década de 1920 o grupo foi formado novamente nas regiões Oeste e Centro-Oeste, seus membros eram da igreja protestante, os quais eram contra a migração de católicos europeus para os Estados Unidos. Nesta segunda formação, os membros ainda usavam chapéu em forma de cone e máscara, porém as roupas passaram a ser brancas, além disso, adotaram novos rituais, queimavam cruces e realizavam marchas.

Atualmente, o grupo carrega somente a sigla KKK, ele está em sua terceira formação, a qual surgiu depois da Segunda Guerra Mundial em 152 distintos locais do país, acumulando entre 6 e 8 mil seguidores com o objetivo de reprimir e até mesmo assassinar ativistas dos direitos civis.

O *Alt-Right* ou Direita Alternativa, não é uma organização como a KKK, é na verdade um movimento ultranacionalista praticado por cidadãos brancos que defendem esta mesma etnia. As ações deste grupo são feitas em plataformas online, onde defendem a supremacia branca e espalham teorias da conspiração, em uma de suas postagens, afirmou que o ataque de 11 de setembro foi autoria do próprio governo norte-americano. Como o movimento se manifesta através de um sistema online, é difícil identificar seus membros, os únicos que foram identificados são alguns dos professores deste movimento; Alex Jones, Richard Spencer, um dos manifestantes no incidente em Charlottesville e o ex-estrategista-chefe do presidente Donald Trump, o qual iria realizar uma palestra na Universidade da Califórnia, a qual foi cancelada devido a manifestação dos estudantes contra o mesmo.

Os Neonazis é um grupo formado em 1970 no Oeste da Virgínia, ele que possui ideologia similar à de Hitler, defendem uma limpeza étnica e a pátria dos brancos e por isso adotaram o nome que faz referência ao nazismo e também utilizam a suástica em suas manifestações. No total, existem 170 grupos ativos de neonazistas, o de maior destaque é o da *National Alliance* ou Aliança Nacional, o mais organizado e perigoso dentre os Neonazis, é um grupo que abertamente assassina judeus, negros, homossexuais e outras minorias que defendem sua ideologia explicitamente.

Os Nacionalistas Brancos são grupos de extrema direita formados em 1985, a mais conhecida é o Conselho dos Cidadãos Conservadores (CCC) que atuam nos

estados do Alabama, Geórgia, Louisiana, Missouri, Virgínia e Texas. Os Nacionalistas fendem o separatismo da etnia branca das demais e afirmam que Deus é o criador do racismo pois foi Ele quem criou diferentes etnias e afirmam também que os Estados Unidos devem ser compostos por norte-americanos e ocidentais, pois outras origens podem prejudicar a maioria, por este motivo são contra imigração.

Em 1980 surgiram os Skinheads, inicialmente visto como um grupo rebelde devido à juventude dos membros, porém, passaram a aterrorizar e a assassinar negros, latinos e homossexuais, o que deixou claro que este não era somente um grupo rebelde, mas sim um grupo de supremacia branca que cometia ações de ódio. Por vezes, os Skinheads são conhecidos também como tropa de choque, devido suas fortes ações e aparência marcante, possuem cabeça raspada, tatuagens que em sua maioria são de cunho racista e usam botas pretas. Assim como o *Alt-Right*, este grupo também se manifesta na internet e através dela conquista novos seguidores, criam grupos de discussões fechados e neles afirmam a importância de proteger crianças brancas para o futuro do país e assim como os nazistas e os neonazis, exterminam pessoas de outras cores.

O *Christian Identity* ou Identidade Cristã surgiu na década de 1920, esta não é uma organização centralizada, mas existem registros de 55 grupos pertencentes à esta organização, totalizando 2 mil ativistas e no mínimo 50 mil simpatizantes. O grupo é coordenado por membros da igreja cristã ou até mesmo por gangues de presídios, para o C.I., somente pessoas de pele branca serão ser salvas da escravidão ou do extermínio, terão a salvação e irão para o paraíso, enquanto judeus e negros já estão condenados, e como justificativa desta doutrina, utilizam a Teologia do Domínio da Raça Branca.

Os Neoconfederados é um grupo extremamente nacionalista, que busca recuperar os valores fundamentais norte-americanos que, de acordo com o mesmo, foram perdidos em meio à modernidade, estes defendem o fim da imigração, os princípios cristãos, a sociedade tradicional, o segregacionismo, a supremacia branca e combatem o homossexualismo. Os Neoconfederados estão divididos em 50 grupos em distintas localidades, os mais conhecidos são a Liga do Sul e o Conselho de Cidadãos Conservadores, estes grupos são intensos ativistas com raízes religiosas e instalados na ala mais conservadora do Partido Republicano, o de Donald Trump.

Os Black Separatists ou Separatistas Negros acreditam que eles são o povo escolhido por Deus, e não os judeus, estes defendem a separação da comunidade negra das demais, se opõe à integração étnica, ao casamento inter-racial. Esta organização é

composta por 140 grupos que justificam o racismo negro como resultado de séculos de racismo branco, de separatismo, superioridade e ódio pela comunidade negra. Os Separatista Negros surgiram na década de 1980 em Dallas a partir do Novo Partido Pantera Negra criado por Al Hajj Malik Al-Shabazz, popularmente conhecido como Malcolm-X, que defendia a conquista dos direitos civis dos negros através de uma luta armada contra os brancos, policiais e judeus, no entanto, este não era um grupo de ódio contra etnias distintas da afro-americana, as lutas deveriam acontecer somente se fosse necessário, porém, ativistas que sucederam Malcolm fizeram do Pantera Negra um grupo de ódio. Outro grupo que compõe os Separatistas Negros é a Nação do Islã criada em 1997, o qual é contra semitas, católicos e homossexuais.

Estes são os principais e mais ativos grupos radicais, os mesmos se encontram em distintas regiões do país a fim de atingir suas vítimas, estas por sua vez são protegidas pelo *Southern Poverty Law* que tem o objetivo de conter e de denunciar tais ações contra a liberdade e a vida, porém, a organização afirma que desde que Trump foi eleito estes grupos aumentaram suas ações em 17% e tem sido um grande desafio contê-los.

4.3 Um Futuro de incertezas

Donald Trump não é um político de carreira, porém sua proposta de “*Make the America Great Again*” ou em português, fazer a América grande de novo, foi um dos motivos que o levou à ser eleito, visto que ele é um notório empresário e um dos homens mais ricos do mundo, não havia dúvidas de que assim ele o faria, os Estados Unidos seriam grande novamente, retomariam o primeiro lugar que atualmente, é disputado com a China e teria um avanço econômico nacional.

Em contrapartida, suas propostas políticas econômicas e sociais são rasas, ele estipulou muitos objetivos à serem alcançados porém não estabeleceu meios para estes fins, seu posicionamento é ambíguo; em sua campanha eleitoral, suas propostas políticas eram discriminatórias e voltadas para a maioria, porém, em seu discurso de posse em 20 de janeiro, declarou que será um presidente para todos os norte-americanos, que o país trabalhará junto, colocando em contradição seu posicionamento anterior à eleição, sua política externa é antiglobalização, o fenômeno econômico mais forte da atualidade e seu governo analisa os cortes de programas assistenciais destinados aos

cidadãos de baixa renda. Além disso, ao longo das eleições, o republicano foi envolvido em escândalos, ofendeu mexicanos, humilhou deficientes físicos, demonstrou seu comportamento machista e sexista ao rotular mulheres e questionou o potencial político de Hillary Clinton.

Isso tudo arremete ao posicionamento conservador de Trump e sua oposição à assuntos de interesse nacional e internacional, suas políticas de cunho discriminatório e que rompem com o ciclo democrático e econômico deixado pelo ex-presidente Barack Obama, criaram nos Estados Unidos um quadro de incertezas visto que as atitudes do atual presidente são imprevisíveis. Até o presente momento não é possível afirmar que seu radicalismo e conservadorismo serão colocados em prática, tampouco pode-se afirmar que não serão, seu mandato ainda é muito recente, estes dez meses foram um período de adaptação e amadurecimento político para que nos próximos três anos, Trump esteja realmente preparado para exercer sua função presidencial, enquanto isso, sabe-se somente que o governo do republicano representa um marco na história norte-americana e o início de um novo tempo, visto que sua figura contradiz princípios democráticos, inclusive os norte-americanos.

Os Estados Unidos estão caminhando rumo ao desconhecido, por isso o temor de um futuro de incertezas, no qual não se sabe se haverá ainda um modelo democrático de governo, se as minorias serão protegidas ou não, se a tirania da maioria continuará, se os movimentos conservadores seguirão fazendo suas vítimas, se os Estados Unidos voltará ou não a ser grande, se a economia prosperará e o que o acontecimento ou não destes eventos podem acarretar no território norte-americano e no mundo.

Considerações Finais

Após a leitura deste trabalho, entende-se que a democracia moderna é um regime político em que o poder está nas mãos do povo, o qual é soberano e participa indiretamente das questões políticas e administrativas de seu Estado através de um representante eleito por ele. Esta forma de governo busca a proteção dos direitos humanos, dos direitos civis, garante a liberdade individual e a igualdade entre todos os cidadãos, caso contrário ou na ausência de algum destes aspectos, o regime político deixa de ser verdadeiramente democrático.

Posteriormente à esta compreensão a respeito do regime democrático, compreende-se também sobre a democracia norte-americana e desconstrói-se sua imagem de baluarte no que diz respeito a este tema.

Quando os Estados Unidos foi criado em 1607, o eurocentrismo estava em alta, ou seja, o centro e modelo mundial era o continente europeu, o qual avançava sobre o mundo através do colonialismo, até imigrantes ingleses desembarcaram pela primeira vez em território americano. As motivações que levaram à este expansionismo vão além da busca por riquezas, muitos homens, de distintas classes sociais, foram motivados a deixar sua nação de origem devido os conflitos em território europeu e a existência de governos absolutistas, este povo, mesmo com pouco conhecimento sobre direitos, buscava um território onde tivessem paz e liberdade. Ao chegar na chamada Nova Inglaterra, dentre os distintos objetivos que cada emigrante e colônia tinham, havia o interesse comum em criar uma nova nação diferente daquela de origem, com isso, as colônias viveram em paz por anos, as cidades se auto governavam e o povo era livre para praticar sua religião, diferentemente da metrópole inglesa e de toda Europa, por isso o grande destaque internacional da democracia norte-americana, um modelo novo para o mundo, não necessariamente bom ou correto, apenas novo.

Porém, a democracia norte-americana vigente no século VXII se aplicava somente a homens brancos, mulheres, cidadãos de classe baixa e negros, não participavam de assuntos públicos e o último, inclusive, se tornou escravo. Estas condições sociais impostas pelo Estado norte-americano foram motivos de grandes manifestações e conflitos ao longo da história da União, ora pela busca dos direitos das minorias, ora pelos interesses econômicos das colônias e indústrias nascentes e, ainda que os governos federais ou estaduais criassem novas regulamentações a fim de manter a ordem da nação, a violação da democracia continuava, inclusive por parte dos

governantes. Constantemente a liberdade de um indivíduo limitava a do outro, o sentimento de superioridade do homem branco norte-americano fez de outros grupos sociais, vítimas de discriminação e violência.

Hoje, no século XXI, os Estados Unidos vivem ainda momentos do século XVII, isso acontece por dois motivos: o contínuo sentimento de superioridade intrínseca nos cidadãos brancos de classe alta e a democracia norte-americana que se tornou a tirania da maioria, fenômeno descrito por Tocqueville.

O sentimento é o responsável pelas opressões das minorias, pela discriminação, pela xenofobia, homofobia e machismo, é ele que gera violência, perseguição e limitação das liberdades individuais, enquanto a tirania da maioria é a responsável pela continuação deste contexto, visto que na tirania, os representantes e indivíduos que estão no poder, preocupam-se somente com seus interesses, enquanto as demais parcelas da sociedade que precisam da ajuda pública e política, continuam vivendo em meio às suas necessidades. O que estes dois fatores têm em comum, é que ambos violam o significado moderno de democracia

O interessante desta conclusão é que é possível tirar de Donald Trump o rótulo de ameaça à democracia, primeiro porque os Estados Unidos não é um país democrático, ele apenas se utiliza de alguns princípios da democracia e como a ausência de um princípio compromete ou elimina outros princípios, logo, não há o que ameaçar, por exemplo, se um governo não garante a igualdade, também não haverá liberdade pois as minorias não poderão ser livres diante da superioridade da maioria ou se um representante não é eleito pelo povo, o governante que chega ao poder pode ser um tirano, o qual limitará também a liberdade e os direitos do mesmo. E segundo, se o país adotasse a democracia tal como ela deve ser, a ameaça seria os próprios cidadãos, não todos, mas aqueles que compõem grupos conservadores e separatistas como a Ku Klux Klan, que assassinam negros, que violam mulheres, que discriminam gays e imigrantes, que violam a vida, aos direitos e a liberdade das minorias.

Trump é apenas um dentre um milhão que o elegeu presidente, ele é só um representante do povo, de suas vontades e um meio para que este atinja seu objetivo de criar uma sociedade suprema branca, pois uma figura conservadora no poder, encoraja outros conservadores a agir.

É fato que desde sua eleição, as denúncias contra a maioria aumentaram, mas isso mostra apenas que cidadãos norte-americanos estão agindo conforme sua vontade quando se sentem no direito disso e assim vem praticando a violência, isso mostra que a

saída de Trump da presidência não significa, necessariamente, o estabelecimento da democracia no país, visto que antes de sua posse e desde a criação dos Estados Unidos, o mesmo tem um histórico de segregacionismo, de discriminação e ódio que, curiosamente, não chamava a atenção da mídia, dos cidadãos norte-americanos e tampouco resultava em manifestações, mas foi Donald Trump assumir o poder para estes atores se manifestarem, como se o atual presidente fosse o único problema.

Trump é um representante do povo que o elegeu, ele leva os Estados Unidos à um futuro duvidoso e se isso acontece, é porque seus eleitores quiseram assim, portanto não há como culpar ou julgar o republicano isoladamente sem antes conhecer os cidadãos que o elegeram, pois estes sim são o verdadeiro problema e ameaça para o país, o qual caminha na direção de um futuro de incertezas que durará mais três anos, período de mandato de Donald Trump, pois as futuras ações do presidente são imprevisíveis.

REFERÊNCIAS

1, G. **Manifestações contra Trump defendem direitos das mulheres em diversos países:** Posicionamento de Trump em relação às mulheres e minorias mobilizou as manifestantes. Finlândia, Itália, Holanda, França, República Tcheca e África do Sul já registraram protestos neste sábado (21).. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/manifestacoes-defendem-os-direitos-das-mulheres-em-diversos-paises.ghtml>>. Acesso em: 28 out. 2017

4 reflexões para conhecer o pensamento de Angela Davis. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/11/4-reflexoes-para-conhecer-o-pensamento-de-angela-davis.html>>. Acesso em: 26 out. 2017

ALFARO, Ángel Luis. **Jeffersoniano / Democracia jeffersoniana**. 2013. Disponível em:

<<http://estoylocomasquenadie.blogspot.com.br/2013/12/jeffersoniano-democracia-jeffersoniana.html>>. Acesso em: 22 set. 2017.

AMARCHA das mulhere: os trechos inspiradores dos discursos de Madonna, Scarlett Johanson e mais. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2017/01/marcha-das-mulheres-os-discursos-inspiradores-de-madonna-scarlett-johansson-e-mais-famosos.html>>. Acesso em: 27 out. 2017.

ANDRÉ, José Gomes . 2016, a «longa caminhada» **Das eleições primárias à sucessão de Obama: O IMPACTO DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL NORTE-AMERICANA**. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/ri/n51/n51a03.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2017.

ANISTIA Internacional. Disponível em: <<https://anistia.org.br/conheca-a-anistia/quem-somos/>>. Acesso em: 25 out. 2017.

ASTOR, Maggie. **A Guide to the Charlottesville Aftermath**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/08/13/us/charlottesville-virginia-overview.html>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

ÀVILA, Tânia. **Nova Ótica - Um novo olhar para o Planeta..** Disponível em: <<http://novaotica.blogspot.com.br/2011/05/cia-usa-metodos-de-torturas-para.html>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

BERNUSSI , Mariana. **(Des) igualdade de gênero nos Estados Unidos**. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/terraemtranse/2017/01/26/desigualdade-de-genero-nos-estado-s-unidos/>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

BOBBIO, Norberto . **Dicionário de Política**. 11^a. ed. Brasília - DF: Editora Universidade de Brasília, 1998. 1330 p. v. 1. Disponível em: <<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17973/material/Norberto-Bobbio-Dicionario-de-Politica.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2017.

CAIRES, Mariana. **De Donald Trump a Temer, o que aproxima as periferias negras norte-americanas às brasileiras?** Disponível em: <<http://periferiaemmovimento.com.br/de-trump-temer-o-que-aproxima-as-periferias-negras-norte-americanas-as-brasileiras/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

CALOUROS da Unesp foram recepcionados por gente vestida de Ku Klu Klan. Disponível em: <<https://ceticismo.net/2015/03/30/calouros-da-unesp-foram-recepcionados-por-gente-vestida-de-ku-klux-klan/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

CHIRINOS, Carlos . **Os cinco escândalos que rondam Obama.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130612_escandalos_obama_gm>. Acesso em: 20 out. 2017.

CONCEITOS da Democracia Liberal . Disponível em: <<https://www.colegioweb.com.br/historia/conceitos-da-democracia-liberal.html>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

CONHEÇA as propostas de Donald Trump para os Estados Unidos. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/conheca-as-propostas-de-donald-trump-para-os-estados-unidos.ghtml>>. Acesso em: 12 out. 2017.

DECLARAÇÃO de Independência dos Estados Unidos (1776). Disponível em: <<http://www.unidosparaosdireitoshumanos.com.pt/what-are-human-rights/brief-history/declaration-of-independence.html>>. Acesso em: 30 set. 2017.

ESTRELAS do esporte americano se ajoelham em protesto contra Trump: Em represália, presidente dos EUA pediu demissão de atletas do futebol americano e desconvidou o jogador de basquete Stephen Curry a ir à Casa Branca. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/estrelas-do-esporte-americano-se-ajoelham-em-protesto-contratrup-azvmsdsbwuuw6uskdaaqypnm0>>. Acesso em: 04 nov. 2017.

FELIPE, Leandra. **Levantamento mostra que há 917 grupos radicais em ação nos Estados Unidos.** Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-09/levantamento-mostra-que-ha-917-grupos-radiciais-em-acao-nos-estados>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

FELLET, João. **No alvo de Obama, prisão em Guantánamo coleciona polêmicas.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160223_obama_guantanamo_fs_jf>. Acesso em: 21 out. 2017.

FILHO, José Reinaldo Felipe Martins . **Da legitimidade à tirania: Tocqueville e a onipotência da maioria na democracia norte-americana.** Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol7-n1/5.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2017.

HERMES, Felipe. **5 razões por que Hillary Clinton pode ser a presidente mais corrupta já eleita nos Estados Unidos.** Disponível em:

<<https://spotniks.com/5-razoes-por-que-hillary-clinton-pode-ser-presidente-mais-corrupt-a-ja-eleita-nos-estados-unidos/>>. Acesso em: 18 out. 2017.

HILLARY Clinton: conheça sua trajetória e suas propostas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/11/hillary-clinton-conheca-sua-trajetoria-e-suas-propostas.html>>. Acesso em: 11 out. 2017.

ISSO foi o que realmente aconteceu em Charlottesville: Sim, pode culpar os neonazistas. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/rafaelcabrera/charlottesville-eua?utm_term=.sugpVBobn#fo01Np6gD>. Acesso em: 05 nov. 2017

KLEFF, Michael . **1863: Estados Unidos abolem a escravidão.** Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/1863-estados-unidos-abolem-a-escravid%C3%A3o/a-372001>>. Acesso em: 30 out. 2017.

KRISTOF, Nicholas. **Opinião: Trump é mesmo racista? Vejamos o que seu histórico diz.** Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/the-new-york-times/2016/07/26/opiniao-trump-e-mesmo-racista-vejamos-o-que-seu-historico-diz.htm>>. Acesso em: 22 out. 2017.

LÓES, José. **Trump e a era das incertezas:** Por que a vitória do republicano pode ser devastadora para o futuro dos Estados Unidos e como sua eleição ameaça a estabilidade política e econômica do mundo. Disponível em: <<http://-https://istoe.com.br/trump-e-era-das-incertezas/>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

MANIFESTAÇÃO contra Trump : Manifestantes vão às ruas nos EUA pedir que o presidente norte-americano Donald Trump libere sua declaração de Imposto de Renda. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/50124-manifestacao-contratump#foto-681210>>. Acesso em: 30 out. 2017.

MANIFESTAÇÕES do Leste a Oeste dos Estados Unidos contra eleições de Trump . Disponível em: <http://parstoday.com/pt/news/world-i12745-manifesta%C3%A7%C3%B5es_do_leste_a_oeste_dos_estados_unidos_contra_elei%C3%A7%C3%A3o_de_trump.>. Acesso em: 11 nov. 2017.

MARIUZZO, Patrícia. **O conceito filosófico de liberdade.** Disponível em: <<http://pre.univesp.br/o-conceito-filosofico-de-liberdade#.WgIzMzBrzIU>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

MARQUES, Christopher . **A América de Donald Trump: a Tomada de Posse em cinco capítulos.** Disponível em: <https://www.rtp.pt/noticias/mundo/a-america-de-donald-trump-a-tomada-de-posse-em-cinco-capitulos_n977407>. Acesso em: 24 out. 2017.

MILHARES participam de Comício contra o ódio em Berkeley, na Califórnia : Grupo impediu manifestação de grupo de extrema direita no Civic Center Park. Polícia

registrou conflitos breves e retirou alguns manifestantes do local; pessoas foram detidas por cobrir os rostos e carregar itens proibidos.. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/milhares-participam-de-comicio-contra-o-odio-em-berkeley-na-california.ghtml>>. Acesso em: 29 out. 2017.

MISSISSIPI (EUA) aprova lei que permite recusar atendimento a homossexuais. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2016/04/06/mississippi-eua-aprova-lei-que-permite-recusar-atendimento-a-homossexuais.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

MORTES de pessoas da comunidade LGBT nos EUA atingiram recorde em 2016: 77 pessoas da comunidade LGBT foram mortas no país nesse ano. Incluindo as vítimas da boate Pulse, número subiu 217 % com relação a 2015.. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/mortes-de-pessoas-da-comunidade-lgbt-nos-eua-atingiram-recorde-em-2016.ghtml>>. Acesso em: 31 out. 2017.

MOURA, Marcelo . **O discurso de Martin Luther King completa 50 anos:** Há 50 anos, Martin Luther King discursou para 250 mil pessoas em Washington, nos Estados Unidos. Subiu os degraus do Memorial Lincoln como líder negro. Desceu como líder universal . Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2013/08/o-discurso-de-bmartin-luther-king-completa-50-anos.html>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

NEW Deal. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/historia/new_deal.htm >. Acesso em: 31 out. 2017.

NINIO, Marcelo. **Gays são minoria mais vulnerável para crimes de ódio nos EUA.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/06/1783385-gays-sao-minoria-mais-vulneravel-para-crimes-de-odio-nos-eua.shtml>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

OS 5 crimes mais horríveis cometidos pela Ku Klux Klan . Disponível em: <<https://maringapost.com.br/ahduvido/crimes-cometidos-pelo-ku-klux-klan/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

PERCÍLIA, Eliene. "Doutrina Monroe"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/doutrina-monroe.htm>>. Acesso em: 10 out 2017.

PROTESTOS contra decreto de Trump se espalham pelos EUA. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/01/1854079-protestos-contra-decreto-de-trump-se-espalham-pelos-eua.shtml>>. Acesso em: 29 out. 2017.

REVOLUÇÃO Industrial . Disponível em: <<https://blogdoenem.com.br/revolucao-industrial-geografia-enem/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

RIESTRA, Laura. **18 Coisas que Donald Trump disse sobre as mulheres** . Disponível em:

<<http://www.esquerdadiario.com.br/18-coisas-que-Donald-Trump-disse-sobre-as-mulheres>>. Acesso em: 23 out. 2017.

SANDERS, Karry . **Donald Trump: The King of Twitter?**. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/politics/2016-election/donald-trump-king-twitter-n539131>>. Acesso em: 11 nov. 2017

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique . **Dicionário de Conceitos Históricos** . 2ª. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 439 p. Disponível em: <<http://www.meuportalacademico.com.br/wp-content/uploads/2013/04/SILVA-K-SILVA-M.-Dicion%C3%A1rio-de-conceitos-hist%C3%B3ricos.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Destino Manifesto"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/destino-manifesto.htm>>. Acesso em: 4 out 2017.

TOCQUEVILLE, Alexis de . **Democracia na América**. 7ª. ed. São Paulo - SP: Companhia Editora Nacional, 1969. 364 p.

TRUMP ameaça universidade da Califórnia após manifestações contra palestrante de extrema-direita: Estudantes protestaram contra palestra de editor do site Breitbart News, que já foi comandado pelo estrategista-chefe de Trump, Steve Bannon.. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/trump-ameaca-universidade-da-california-apos-manifestacoes-contrapalestrante-de-extrema-direita.ghtml>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

VAIDYANATHAN , Rajini . **Por que brancos e negros ainda vivem separados em algumas partes dos EUA**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_eua_segregacao_fn>. Acesso em: 08 nov. 2017.

VEJA fotos da Marcha das Mulheres no mundo contra Trump. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/galerias/geral,veja-fotos-da-marcha-das-mulheres-no-mundo-contratrup,29835>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

WELLE, Deutsche . **O complexo sistema eleitoral norte-americano** : Nem sempre o mais votado é eleito presidente. Pleito, que ocorre nesta terça-feira 8, é indireto e cada estado tem peso diferente. Entenda . Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/o-complexo-sistema-eleitoral-norte-americano>>. Acesso em: 31 out. 2017.

ANEXOS

ANEXO A – John Casor, foi condenado a 250 chibatadas nas costas e nas pernas.



FONTE: DW Brasil (Autoria desconhecida)

ANEXO B – Crianças trabalhando em indústria norte-americana

FONTE: Blog do Enem (Autoria desconhecida)

ANEXO C – Tortura no presídio de Guantánamo

FONTE: BBC Brasil (Foto: Mccoy Reuters)

ANEXO D – 1963, Martin Luther King, diante de 250 mil pessoas, prestes a fazer história



FONTE: Época (Foto: Hulton Archive)

ANEXO E – Donald Trump ofende Hillary em rede social

FONTE: NBCNews

ANEXO F – Manifestação contra o presidente Donald Trump



FONTE: ParsToday (Autoria desconhecida)

ANEXO G – Marcha das Mulheres em Washington



FONTE: Estadão (Autoria desconhecida)

ANEXO H – Unite the Right, manifestação em Charlottesville, Virgínia



FONTE: The New York Times (Foto: Edu Bayer)

ANEXO I – Movimento *Black Lives Matter*

FONTE: Periferia em Movimento (Foto: Daniel Leal Olivas/AFP/Getty Images)

ANEXO J – Ku Klux Klan, século XIX

FONTE: Maringá Post (Autoria Desconhecida)

ANEXO K – Ku Klux Klan, século XXI



FONTE: Ceticismo (Autoria desconhecida)